

Nível
B2

Falas Português?

PORTUGUÊS
LÍNGUA NÃO MATERNA

De acordo com o QECR (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas) e com o QuaREPE (Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro).

Guia do Professor

- Sugestões de abordagem
- Materiais complementares
- Transcrições dos textos orais
- Guiões/Grelhas de avaliação



Índice

Apresentação	2	Unidade 8	32
Materiais complementares	3	Unidade 9	36
Unidade 1	4	Unidade 10	44
Unidade 2	8	Expressão escrita: guiões/grelhas de avaliação	48
Unidade 3	14	Expressão oral: guiões/grelhas de avaliação	53
Unidade 4	17	Trabalho de Projecto: grelhas de avaliação/observação	60
Unidade 5	22		
Unidade 6	26		
Unidade 7	29		

Apresentação

A divulgação da língua e cultura portuguesas, assim como a integração do português como língua não materna em currículos estrangeiros e nacionais, são fortes apostas da política cultural do Governo português, nomeadamente junto dos luso-descendentes e dos imigrantes.

O manual **Falas Português? Nível B2** vai ao encontro desses objectivos, destinando-se a todos os que, em Portugal ou no estrangeiro, desenvolvem a sua aprendizagem do português como língua não materna. Destinado a alunos posicionados no nível B2, todos os conteúdos do projecto estão de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR)* e com o *Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro (QuaREPE)*.

Aos professores, alunos e pais são colocados, actualmente, enormes desafios no que respeita ao processo de ensino-aprendizagem de português como língua não materna. É, por isso, importante desenvolver materiais originais, variados e motivadores que, numa perspectiva plurilingue e pluricultural, contribuam para a melhoria do processo.

O principal objectivo deste manual é proporcionar aos alunos práticas de leitura, de escrita, de oralidade e de reflexão sobre o conhecimento explícito da língua que lhes permitam não só consolidar e aprofundar conhecimentos culturais e linguísticos, mas também transitar para um nível avançado de aprendizagem da Língua Portuguesa e, no caso dos alunos estrangeiros em Portugal, o ingresso no currículo de língua materna regular. Neste sentido, foram igualmente tidas em conta as *Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna*¹, publicadas em 2008 pelo Ministério da Educação, que incidem sobre as competências e os conteúdos a desenvolver com os alunos dos níveis Iniciação e Intermédio nesta disciplina.

O manual **Falas Português? Nível B2** é constituído por dez unidades temáticas que apresentam tipologias textuais diversificadas e múltiplos exercícios, assim como textos relativos a aspectos culturais e informação sobre o conhecimento explícito da língua. Além do livro de apoio ao professor (com sugestões metodológicas e material complementar para a exploração dos diferentes textos abordados), disponibiliza um CD Áudio, com faixas áudio de vários documentos autênticos, para o trabalho e o exercício da oralidade.

¹ http://sitio.dgicd.min-edu.pt/PressReleases/Paginas/OrientacoesProgramaticasdePLNM_secundario.aspx

Na página da Internet www.escolavirtual.pt/falaspportuguesb2 estão disponíveis, em formato digital, materiais de apoio ao manual, como o PDF do Livro do Professor e as faixas áudio.

Em **Falas Português? Nível B2** o aluno é convidado a partilhar a sua identidade cultural, sempre que lhe é proposto saber mais sobre a cultura portuguesa. As actividades apresentadas para o desenvolvimento da expressão e interacção orais não são já apenas as usuais em situações do quotidiano: o diálogo simulado dá lugar ao oral preparado, em que o aluno é incitado a expressar a sua opinião, de modo orientado, a propósito dos mais variados assuntos.

As tipologias textuais contempladas na leitura e na escrita são, também elas, de grau de complexidade crescente e abarcam tipologias muito variadas. O conhecimento explícito da língua é alvo de um estudo mais aprofundado e sistemático, na maior parte dos casos, relacionado com a competência da escrita. Porque o léxico já não é tratado como nos níveis de proficiência iniciais, sugere-se a criação, em suporte papel ou em suporte informático, por parte do aluno, de glossários temáticos, assim com a publicitação dos trabalhos produzidos em suportes multimodais.

Acreditamos, pois, que este projecto responde adequadamente às necessidades sentidas por todos os intervenientes no processo, facilitando a aprendizagem do português nos diversos países do mundo e contribuindo para a integração eficaz dos alunos estrangeiros que se encontram a estudar em Portugal.

Organização das unidades

Todas as unidades se encontram estruturadas de acordo com as sugestões do Portefólio Europeu de Línguas². Sumariamente, cada uma delas é constituída por:

- actividades iniciais de motivação (por exemplo, de pré-escuta ou de pré-leitura), em que são apresentados os temas a desenvolver ao longo da unidade;
- actividades de compreensão e expressão oral;
- actividades de leitura;
- actividades de enriquecimento lexical;
- actividades ligadas ao conhecimento e sistematização gramaticais;
- actividades de escrita;
- actividades de pesquisa e apresentação de informação cultural ligada a Portugal e aos países que falam português.

Materiais complementares

Tendo em vista a planificação e a operacionalização, nomeadamente a nível da gestão dos conteúdos e das competências previstos para cada uma das unidades (cf. índice do manual), são facultados no Livro do Professor materiais complementares: textos de apoio, correcção dos exercícios de conhecimento específico da língua, transcrições dos registos áudio, guiões de produção/revisão e grelhas de avaliação.

O professor poderá gerir estes recursos da forma mais adequada aos contextos em que se desenvolve a sua actividade, usando-os em actividades de pré-leitura ou pré-escuta, de motivação à escrita, de sistematização dos desempenhos previstos no âmbito das várias competências, como documentos a fotocopiar e fornecer ao aluno para a regulação e auto-regulação das aprendizagens, etc.

² <http://www.dgidc.min-edu.pt/plnmaterna/portfolio.pdf>

UNIDADE 1

O tópico trabalhado nesta unidade é a recolha e apresentação de informação sobre o próprio aluno, a sua família, os amigos e Portugal.

Neste contexto, apresentam-se materiais de apoio à elaboração das várias tarefas solicitadas ao longo desta unidade.

Pág. 6

Transcrição do registo áudio: “A família da Teresa”

áudio pág. 6 – faixa 1

A família da Teresa

O meu avô Ricardo era dois anos mais velho do que a minha avó Fátima. A minha avó é muito simpática e gosta de jogar às cartas com a nora. Para além do meu pai, os meus avós tiveram uma filha, a minha tia Susana, que é professora de Matemática em Lisboa. A minha outra tia é advogada e chama-se Eduarda, é solteira e está sempre a viajar.

O Francisco e a Alexandra são meus primos direitos: o Francisco, nos tempos livres, faz fotografia subaquática, é veterinário e trabalha em Braga com a namorada, a Sara. A Alexandra ainda não namora e estuda Biologia Marinha no Algarve, onde já está há dois anos...

Não sou filha única, tenho uma irmã, a Sofia, que é a primogénita: casou com o Duarte há dois anos e ainda não tem filhos; são os dois arquitectos e vivem no Porto. O passatempo preferido do meu cunhado é andar pelos ares a voar de parapente...

Não me lembro de nenhum dos meus avós maternos... não os cheguei a conhecer... o genro, ou seja, o meu pai, também não os conheceu: sei que viviam da agricultura e que se chamavam Inês e António...

Eu chamo-me Teresa e o meu primo chama-se Francisco porque o meu pai e a minha tia paterna gostavam muito dos avós deles e, por isso, o meu pai pôs-me o nome da minha bisavó e a minha tia resolveu dar o nome do meu bisavô ao meu primo. De certeza que os meus bisavós nunca pensaram que os seus bisnetos viriam a ter os mesmos nomes que eles tinham.

Todos os verões, a minha família passa uma semana na casa dos meus avós em Vila do Conde: ninguém falta, pais, filhos, netos, nora, genro... e até a minha tia Eduarda aparece durante dois ou três dias.

Pág. 7

Escrever textos informativos

Na construção de um texto informativo deve ter-se em conta a sua progressão temática. Assim, o texto pode desenvolver-se de formas diferentes, por exemplo:

Constante – a ideia é desenvolvida sempre a partir do assunto central, sendo este retomado ao longo do texto.

Linear – a ideia inicial é continuada a partir da última ideia referida.

Ex.: «Os alunos seguem as orientações do professor, o professor motiva os alunos da turma. A turma procura obter bons resultados.»

Derivante – a ideia inicial é construída a partir de uma especificação da mesma.

Ex.: «As rochas têm diversas origens. O granito é uma rocha vulcânica; o xisto é de origem sedimentar.»

Alternante – duas ideias desenvolvem-se em alternância.

Ex.: «A turma 10.º X teve 10 positivas a Português e 6 a Matemática. A turma do 10.º Z teve 8 positivas a Português e a Matemática. A turma do 10.º Z está a tentar melhorar os seus resultados, de forma a superar os do 10.º X».

Fragmentada – sempre que se apresentem várias ideias e se deixe de tratar uma delas.

Ex.: «A turma do 10.º X teve 10 positivas a Português e 6 a Matemática. A turma do 10.º Z teve 8 positivas a Português e a Matemática. A turma do 10.º Y igualou a turma do 10.º X na disciplina de Português e a turma do 10.º Z em Matemática. A turma do 10.º X pretende investir mais nos resultados de Matemática, esforçando-se na resolução de exercícios autocorrectivos, enquanto a turma do 10.º Z está preocupada em manter o desempenho até agora conseguido. A turma do 10.º Z aposta no sucesso, mantendo as estratégias de trabalho já delineadas.»

Gramática do Português Actual, Lisboa Editora (adaptado)

Pág. 10

Conhecimento explícito da língua – correcção do exercício:

1. g; 2. i; 3. l; 4. n; 5. e; 6. k; 7. m; 8. d; 9. a; 10. f; 11. b; 12. j; 13. c; 14. h.

Pág. 12

Conhecimento explícito da língua – correcção do exercício:

1. cidadã, testemunha, águia-macho, vítima, comilão, irmão, égua, rã, cliente, ladra, sacerdote, zangão, personagem, réu.
2. testemunha, vítima, rã, cliente, personagem.
3. **a.** a obra-prima; **b.** o guarda-roupa; **c.** o oásis; **d.** as férias; **e.** a terça-feira; **f.** o vice-campeão; **g.** o pequeno-almoço; **h.** o guarda-costas; **i.** o passaporte; **j.** o atlas.
4. **c.** oásis; **h.** guarda-costas; **j.** atlas.
5. **d.** férias.

Pág. 13

Transcrição do registo áudio: “TSF – Programa *Mais cedo ou mais tarde*”

áudio **pág. 13 – faixa 2**

TSF – Programa *Mais cedo ou mais tarde* (emitido em 21-11-2008) – Aprender latim

Isaltina Martins disse há instantes que existe a ideia, e, obviamente, penso, a maior parte dos nossos ouvintes também terá esse estereótipo, de que é muito difícil aprender o latim. Nós fomos... Estivemos um destes dias a conversar com alunos do 10.º e 11.º ano do Colégio D. Diogo de Sousa, em Braga, e para, pelo menos surpresa minha, aquilo que a repórter Dalila Monteiro ouviu foi que os jovens estão a gostar... Os alunos estão a gostar de ouvir... Estão a gostar de estudar o latim:

– *Vale!*

Para Laura, José, Rui, Estela, estudar latim é muito mais que aprender uma língua morta:

– Tem contribuído muito para o desenvolvimento do meu português, do meu vocabulário e mesmo do nível das funções sintácticas e do conhecimento da gramática portuguesa, porque para saber latim é preciso saber português a sério – fica uma ideia mais completa – por exemplo, a nível das palavras novas que passamos a saber: há muitas palavras em latim que vêm directamente do português, mas há palavras em português que são mais eruditas, que as pessoas normalmente não conhecem tão bem. Em latim temos mais facilidade em conhecer essas palavras...

E como é que Laura mostra isso?

– “Escola” vem de um verbo que significa conhecer algo com devoção... Saber algo com devoção... Gostar de saber... Ter gosto em saber... E é sempre divertido porque nós agora associamos a escola a uma obrigação e não tanto a uma paixão. – ora voltamos ao passado – Era com paixão, como um... um tempo de descanso em oposição ao tempo do trabalho...

Não só o latim ajuda a perceber o português como também confere à língua viva um sentido mais expansivo. José Rego diz que vai até aos domínios do mito da História:

– Sim, o latim tem-me ajudado a perceber a língua portuguesa e também tem desenvolvido a minha cultura sobre a antiguidade clássica. Aprendemos mitos, falamos sobre os mitos da antiguidade clássica, sobre os deuses deles. – e apenas só com um mês de aulas de latim – Já aprendi que o latim tem... Há palavras que têm muita semelhança com as palavras portuguesas...

– Por exemplo?

– Não só com palavras portuguesas mas também com palavras de outras línguas como o francês... tem parecenças com o inglês também, às vezes...

Frases completas o José ainda não diz, mas o Rui, que já vai no segundo ano de latim, sim:

– *Rosa pulchra est* significa a rosa é bela.

Apesar de ser uma língua morta, o latim vive e revive nas construções gramaticais de várias línguas que Estela também tem aprendido:

– Continua presente nas outras línguas que derivaram dessa língua. Por exemplo, pai em latim é *pater*, que, por exemplo, no espanhol é *padre*, em francês é *père* e no inglês é *father*.

E mais, acrescentam estes alunos, o latim é como a matemática da língua portuguesa:

– *Salve!*

O âmbito da actividade de Compreensão do Oral proposta poderá ser alargado e, a partir da escuta, trabalhar-se a expressão de opiniões a partir do modelo sugerido.

Sugestão de actividades

1. Selecciona uma frase e completa-a de acordo com a tua opinião:

- a) Estudar é...
- b) Gostava de aprender...
- c) Esta escola...
- d) Sinto-me bem preparado...

1.1. Lê a frase que escreveste e discute-a com os teus colegas.

Págs. 13 e 17

Nestas páginas pedem-se produções escritas cuja temática é o retrato e o auto-retrato. Este guião pode ser fornecido ao aluno, como apoio à planificação, textualização e revisão dos textos solicitados.

Retrato

PLANIFICAÇÃO	ORGANIZAÇÃO	COMUNICAÇÃO EFICAZ
<p>Escolho:</p> <ul style="list-style-type: none"> – <u>para quem</u> vou escrever; – <u>quem descreve</u>: eu ou outro (numa narrativa); – <u>a personagem</u> que vou descrever; – os elementos que vou mencionar na descrição (<u>características físicas</u>: altura, peso, cor da pele, idade, cabelos, traços do rosto, voz, indumentária... <u>e/ou psicológicas</u>: personalidade, temperamento, carácter, preferências, postura, objectivos...). 	<p>Sigo um fio condutor:</p> <ul style="list-style-type: none"> – do <u>aspecto geral</u> para os <u>por-menores</u> ou – dos <u>por-menores</u> para o <u>aspecto geral</u>. 	<ul style="list-style-type: none"> – Uso <u>adjectivos</u> adequados. – Utilizo <u>verbos</u> como «parecer», «lembrar»... – Faço <u>comparações</u>. – Escrevo na <u>3.ª pessoa</u>. – Uso o <u>presente</u> ou o <u>imperfeito</u> (caso de narrativa no pretérito perfeito). – Tento que o destinatário do texto consiga <u>imaginar a personagem descrita</u>. – Utilizo <u>pontuação adequada</u>. – Dou atenção à <u>ortografia</u>. – Recorro ao <u>dicionário</u>. – <u>Releio o texto</u>, servindo-me desta ficha para o avaliar.

Pág. 15

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

1.2. 1. d; 2. a; 3. b; 4. e; 5. f; 6. c.

2. 1. Anatómico; 2. Ecológico; 3. Individual; 4. Fotográfico; 5. Ministerial; 6. Numérico; 7. Residual; 8. Televisivo; 9. Tentacular; 10. Textual; 11. Semanal; 12. Universal.

UNIDADE 2

Esta unidade debruça-se sobre a origem e história da língua portuguesa e sobre alguns dos autores de expressão portuguesa mais representativos.

Nela definem-se conceitos fundamentais para o conhecimento da língua e aborda-se a unidade e a diversidade da língua portuguesa, apontando algumas das principais especificidades do português europeu e do português não europeu.

Pág. 20

Transcrição do registo áudio: “Dialectos Portugueses”

áudio pág. 20 – faixas 3, 4 e 5

Dialectos Portugueses**Açores**

Dialectos portugueses insulares: açorianos

Ponta Garça (São Miguel) 5

INF = Informante; INQ = Inquiridor

INQ1 – (...) O fio ficava embrulhado aqui? Aqui em cima, era? Ou era aqui nesta coisinha?

INF – Não senhor.

INQ1 – Era aqui?

INF – Isso é mais uma ideia daqui. Isso era um fuso daqui.

INQ1 – Ah!

INQ2 – Ah!

INF – Isso é um fuso daqui. Mas isso é só para mostrar que elas tinham uma rodinha dessas assim em baixo.

INQ1 – Sim senhor.

INF – Havia umas que tinha era uma verga. E outras era mesmo de madeira.

INQ2 – De madeira.

INF – Assim fininho, larguinho em baixo, ia... Mas assim mais alto...

INQ1 – Mais comprido.

INF – Que isso também era mais comprido.

INQ2 – Pois.

INQ3 – Pois.

INQ1 – Hum-hum. E esse era... é que era...

INF – Até que pode ir ver esse que eu fiz novo.

INQ1 – Pois. Exacto.

INF – O fio (...) é mais comprido.

INQ 1 – Sim, sim. Já percebi.

INF – Porque esse é comprido porque isso partiu daqui.

Viana

Dialectos portugueses setentrionais:

região subdialectal do Baixo-Minho e Douro Litoral

Vila Praia de Âncora 2

INF = Informante; INQ = Inquiridor

INF – Essas barracas de madeira, pode haver alguma mas é (...) para arrecadação, assim de animais, (...) de sargaço (...) e coisas (...) de lavradores. Isso é que pode haver. Mas... Mas para viver, não.

INQ – Para viver não...

INF – Para viver, não há mais de madeira, não senhor. Para viver, não vejo aqui nada. Não senhor. Eu nasci. (...) Eu nasci numa barraca de (madeiramento) – tudo em madeira. De madeira. Olhe, eu, quer que lhe diga, eu nasci num ponto, minha senhora – desculpe que lhe diga – cheio de piolhos, pulgas, percevejo, ratos, de tudo. Eu vivi no meio disso tudo. E depois é que veio, mais tarde – isso já era eu casado... Depois já era casado eu. E depois, quando eu era casado, é que veio uma lei de Lisboa – ou donde fosse, do Porto, ou donde fosse – (de) dar aqui uma desinfecção por toda esta zona, (...) uma desinfecção que botavam (de) criolina e... Houve... Havia aqueles pós para matar os piolhos e tudo, e percevejos e tudo. Daí para cá, minha senhora, é que nunca mais se viu esses bichos. Nunca mais...

Alentejo

Dialectos portugueses centro-meridionais:
região subdialectal do Barlavento do Algarve

Porches 3

INF = Informante; INQ = Inquiridor

INF – Não há quem semeie, não há quem vá fazer esse serviço, porque (...) ele está tudo muito caro e não há quem faça. Mesmo pagando o dinheiro, não há quem queira ir fazer. Só porque querem trabalhar aí (...) nas coisas, nas obras, aí na construção. Trabalham mais do que trabalhavam aí no campo. Mas consideram eles... O trabalho aí nas obras, consideram aquilo um emprego (...) de estado.

INQ – Mais importante.

INF – E de maneira: nem para eles, eles semeiam. Nem para eles! Onde é que eles mesmo trabalhando, em ganhando o dinheiro, podiam semear alguma coisinha para eles. Enquanto comiam daquilo que eles recolhiam, estavam a gozar daquilo. Mas não: “Eu tenho muito dinheiro. Ah! Vou-me à praça compro (...) e é mais barato do que andar trabalhando e coiso e tal”. E não querem. Já ninguém quer trabalhar. De maneira que (...) os campos estão todos abandonados. Ninguém já faz nada.

Pág. 21

Estes dois textos podem ser utilizados (lidos, discutidos, como pretexto para a colocação de questões sobre a definição dos termos e conceitos, etc.) como introdução às actividades propostas sobre o conhecimento explícito da língua.

Texto 1 – Linguagem, Língua e Fala

Frequentemente confundimos a palavra linguagem com a palavra língua, mas, na verdade, não representam o mesmo conceito.

A linguagem é a capacidade que o ser humano tem para comunicar com os outros através e um sistema de signos.

Normalmente, usamos a linguagem verbal (as palavras), que é o modo de comunicação mais complexo e que nos diferencia dos restantes animais. Existem também linguagens não verbais, como as gestuais e as visuais, entre outras.

A língua é o conjunto de signos e regras que uma comunidade humana usa para comunicar.

Segundo a UNESCO, falam-se cerca de seis mil línguas em todo o mundo. A importância da língua é tão grande que os países elaboram normas e regras para o seu uso e também para protegê-la, como pode constatar neste artigo da *Constituição da República Portuguesa*:



Artigo 11.º

(Símbolos nacionais e língua oficial)

1. A Bandeira Nacional, símbolo da soberania da República, da independência, unidade e integridade de Portugal, é a adoptada pela República instaurada pela Revolução de 5 de Outubro de 1910.
2. O Hino Nacional é A Portuguesa.
3. A língua oficial é o Português.

<http://www.portugal.gov.pt>

A fala é o uso particular que um falante ou grupo de falantes faz da sua língua.

O uso que se faz de uma língua numa localidade concreta é a **fala local** (ou **dialecto**). O uso particular que cada falante faz da sua língua é a **fala individual**.

Texto 2 – A língua gestual portuguesa (LGP)

A expressão «língua gestual» refere-se à língua materna de uma comunidade de surdos. Essa língua é produzida por movimentos das mãos, do corpo e por expressões faciais e a sua recepção é visual. Tem um vocabulário e gramática próprios.

Como qualquer língua oral, a LGP possui variantes dentro do seu próprio país (idioma), alterando, relativamente, de região para região e dependendo do grau de alfabetização e das profissões dos surdos em cada uma das regiões.



Para saber mais sobre este assunto:

- *Alfabeto da Língua Gestual Portuguesa (PowerPoint)* em <http://www.eb23-picoregalados.rcts.pt> (secção Documentação, Recursos Educativos).

Pág. 21

Conhecimento explícito da língua

O âmbito das actividades propostas poderá ser alargado, complementando-as com os exercícios apresentados.

Sugestão de actividades

1. Assinala, nas seguintes situações de comunicação, se existe ou não uso de linguagem verbal:
 - a. Dois golfinhos trocam sons entre si.
 - b. Lês um anúncio num jornal.
 - c. O teu cão ladra-te quando chegas a casa.
 - d. Falas ao telemóvel.
 - e. Escreves uma mensagem de correio electrónico.
 - f. Uma abelha dança ao chegar à sua colmeia.
 - g. Ouves rádio.
 - h. Um chimpanzé aponta para uma banana.
2. Observa estas diferentes formas de dizer «bom-dia». Investiga, para cada caso, de que língua se trata e em que país(es) se fala.

	Língua	País
Bonjour		
Good morning		
Buon giorno		
Buna dimineata		
Buenos días		
Gutten morgen		

Pág. 24

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

1. Alcateia; ídolo; irmão; loja; palavra; saxofone.
2. Saco; senha; senhor; sol; supor; suposição; surpresa.
3. Ler; passear; código; lindo.
4. Mudo, calado e afónico; alegre, contente e risonho; desgraçado, triste e ensimesmado; meditabundo, reflexivo e pensativo; loquaz, expressivo e falador.
5. Por exemplo, concluir e perceber.

Pág. 30

Transcrição do registo áudio: TSF – CPLP delinea estratégia para tornar português em língua oficial da ONU

áudio pág. 30 – faixa 6

TSF – CPLP delinea estratégia para tornar português em língua oficial da ONU

Um brinde com vinho do Porto em Nova Iorque. Os chefes de estado da Comunidade de Países de Língua Portuguesa brindaram à ideia do português poder vir a ser a 7.^a língua oficial das Nações Unidas. «Este almoço de trabalho foi uma reunião histórica.» Cavaco Silva, depois do almoço com os seus parceiros da CPLP, uma refeição em português, com uma estratégia na ponta da língua. «Foi desenvolvida uma estratégia, o custo foi examinado, tem alguma dimensão, mas foi considerado que a importância política é de tal monta, que justifica que os países se juntem para suportar os custos.» Os custos desta operação não foram revelados, apesar de tanto o Presidente da República como o Ministro dos Negócios Estrangeiros terem sido questionados sobre essa matéria. Os responsáveis políticos preferem, no entanto, destacar o impacto desta medida na expansão do português como língua internacional. «O ensino da língua, do português, dentro da própria organização das Nações Unidas, o que é feito por outros países; o trabalho para aumentar o número de falantes em português que trabalham nas Nações Unidas; a maior concertação política entre os estados-membros; eventualmente pensar com... em participar em operações de paz, a comunidade de povos de língua portuguesa, porque será mais fácil impor o português quando esta comunidade for vista como uma comunidade política e como uma comunidade cultural.» Nesta matéria, Cavaco Silva e Lula da Silva, o presidente do Brasil, estão sintonizados: «Eu penso que é uma coisa importante que a língua portuguesa seja tratada como língua oficial aqui nas Nações Unidas. Não tem nenhum sentido outra língua ser e a portuguesa não ser. E também acho importante que o Brasil faça parte do Conselho de Segurança... como membro efectivo, porque o Brasil é um país importante e o maior país do continente sul-americano... eu penso que se nós conseguirmos a reforma, nas Nações Unidas, o Brasil terá a sua chance.» Esta é a prioridade da política externa do Brasil, chegar a membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Sugere-se a disponibilização deste texto aos alunos (por exemplo, fotocopiando-o) e a respectiva exploração guiada pelo professor, como forma de sistematização dos aspectos trabalhados anteriormente.

O português em África

O português foi levado para África devido à expansão colonial portuguesa. Imposto como língua do colonizador em Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe, conviveu sempre com uma grande diversidade de línguas nativas, que são o instrumento de comunicação no dia-a-dia. O português constituiu-se como a língua da administração, do ensino, da imprensa e das relações com o mundo exterior.

Após a revolução de 25 de Abril de 1974 e a descolonização, esses países adoptaram o português como língua oficial, a par das inúmeras línguas tribais de famílias linguísticas africanas.

Oficialmente, o “português da África” segue a norma europeia, mas no uso oral distancia-se dela, aproximando-se mais do português falado no Brasil. A par dessa situação, existem inúmeras línguas crioulas. Resultam da simplificação e da reestruturação do português, feitas por populações africanas que as adoptaram por necessidade. Os crioulos portugueses começaram a formar-se desde os primeiros contactos entre portugueses e africanos, provavelmente no século XV. Apesar de uma base lexical comum, os crioulos africanos são, hoje, muito diferentes do português na sua organização gramatical.

O português no Brasil

As diferenças de pronúncia entre o português europeu (PE) e o português do Brasil (PB) são muito evidentes. Oralmente, o português do Brasil é mais perceptível por estar mais próximo da escrita: as vogais são abertas, enquanto no português de Portugal a tendência é para reduzir as vogais e até deixar cair sílabas inteiras: exemplo: PE – *tfonar*/ PB – *telefonar*.

Para além das diferenças fonéticas, existem as gramaticais, lexicais, morfológicas e semânticas, que se encontram na escrita (exemplos: acentuação: PB – *comitê* / PE – *comité*; ortografia: PB: *atividade* / PE: *actividade*; omissão de artigos: exemplos: PB – *Pedro saiu.* / PE – *O Pedro saiu.*).

Estas e outras características podem ser mais acentuadas numa região do que noutras, mas estão sempre presentes.

Sugestões de leitura de acordo com o *Programa de Português para o Ensino Básico*³ de 2009:

Mais autores e obras dos países de língua oficial portuguesa

Narrativa e crónicas	Poesia
Fernando Sabino, <i>O Menino no Espelho</i>	Aguinaldo Fonseca
João Ubaldo Ribeiro, <i>A Gente se Acostuma a Tudo</i>	Carlos Drummond de Andrade
Jorge Amado, <i>Capitães da Areia</i>	Cecília Meireles
José Eduardo Agualusa, <i>A Substância do Amor e Outras Crónicas</i>	Fernando Sylvan
Lourenço do Rosário, <i>Contos Africanos</i>	João Melo
Luís Fernando Veríssimo, <i>Comédias Para se Ler na Escola</i>	José Craveirinha
Machado de Assis, <i>O Alienista</i>	Manuel Bandeira
Mia Couto, <i>Mar me Quer</i>	<i>No Reino de Caliban: Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa</i> (3 vols.; compil. de Manuel Ferreira)
Ondjaki, <i>Os da Minha Rua</i>	Vinicius de Moraes

³ <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/Programas%20de%20Português%20homologado.pdf>

UNIDADE 3

Nesta unidade trabalham-se questões relacionadas com a globalização e o multiculturalismo, o espaço geográfico e o espaço cultural, visando o exercício do olhar atento sobre o «outro».

O diálogo e o debate são trabalhados a partir da troca de opiniões assente numa argumentação fundamentada, com respeito pela tomada de palavra de cada um e de todos e pelo exercício activo dos papéis inerentes a esta tipologia do oral.

Pág. 39

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

1. **a.** sentira; **b.** fizera; **c.** trouxeram; **d.** tivera; **e.** dera.
2. **a.** tinha recordado; **b.** tinha vestido; **c.** tinha falado; **d.** Tinham sabido; **e.** tínhamos sabido.

Pág. 40

De modo a efectuar um trabalho oral preparado na actividade de **interacção oral**, sugere-se a apresentação prévia deste guião aos alunos no formato considerado mais adequado (por exemplo, *PowerPoint*) e a sua discussão conjunta no grupo-turma.

Sugere-se, igualmente, a utilização das grelhas de avaliação/observação do debate disponíveis nas páginas 57 a 59, em «Expressão oral: guiões/grelhas de avaliação».

Como organizar um debate⁴

Centrado num tema previamente estabelecido, é realizado em grupo, orientado e regulado por um moderador, auxiliado por um secretário. Os intervenientes participam recorrendo a argumentos e pontos de vista para obter determinadas conclusões. Tal como qualquer outro texto, também obedece às etapas de **planificação**, **execução** e **avaliação**. Primeiramente, o professor deve fornecer o guião para que os alunos realizem o debate, devendo, posteriormente, ser tarefa dos alunos a elaboração do guião. É importante que os alunos escolham papéis, pesquise e seleccionem informação, controlem o tempo – para que se tornem cidadãos mais conscientes, com a noção de regras, de rigor, de auto e co-avaliação correctas e conformes com o real desempenho no debate.

Planificação/Os alunos devem:

- escolher um espaço físico em que os intervenientes se situem frente a frente, de preferência a biblioteca, para poderem fazer a pesquisa;
- definir o tempo de duração do debate;

⁴ Bibliografia:

Jacquinet, G. & G. Leblanc (coord.), (1996), *Les Genres Télévisuels dans l'Enseignement*, Paris, Hachette Éducation.

Lancien, T. (1996), "Télévision et traitement du réel: du journal télévisé au documentaire", *Les Genres Télévisuels dans l'Enseignement*, Paris, Hachette Éducation.

Pasquier, F. (2000), *La Vidéo à la Demande – pour l'Apprentissage des Langues*, Paris, L'Harmattan.

- usar um tempo diferido para trocar opiniões;
- pesquisar/recolher informação sobre o tema;
- definir quantos e quem são os intervenientes;
- nomear o moderador e o secretário.

São funções do moderador:

- introduzir o tema, antecipando algumas informações e perspectivas;
- apresentar os intervenientes;
- dar a palavra aos diversos elementos por ordem de inscrição;
- controlar o tempo de intervenção de cada elemento;
- mostrar-se imparcial;
- colocar novas questões ainda não afloradas para evitar repetições;
- lembrar as regras do debate quando forem violadas;
- fazer o ponto da situação;
- encerrar o debate.

São funções do secretário:

- tomar notas para poder fazer o resumo das opiniões dos participantes no debate;
- relatar oralmente as conclusões a que foi possível chegar.

Execução:

- adoptar uma postura correcta;
- respeitar as diversas opiniões expressas pelos participantes;
- exprimir-se com clareza (ter em atenção o tom, a intensidade, o débito de palavras), sem expressões de suporte desnecessárias;
- utilizar uma linguagem adequada à situação;
- recorrer a vocabulário específico e variado relacionado com o tema;
- inscrever-se para participar e aguardar a sua vez;
- não interromper os restantes participantes.

Avaliação:

- reflexão sobre o processo como decorreu o debate (se as regras foram ou não cumpridas);
- reflexão conjunta sobre as perspectivas adoptadas;
- formulação das conclusões;
- preenchimento de uma grelha.

Pág. 43

Transcrição do registo áudio: “TSF – Programa *Evasões*”

áudio pág. 43 – faixa 7

TSF – Programa *Evasões* (emitido em 31-7-2008) – Pousadas da Juventude

Ainda está em casa e sem planos para as férias? Deixe-me adivinhar: o dinheiro não sobra para o lazer. E acha caro pagar 11 euros por uma dormida? É que este é o preço médio do alojamento nas pousadas da juventude portuguesas, do alojamento em camaratas, ou seja, em quartos múltiplos com beliches onde a seu lado pode dormir um perfeito desconhecido... Mas lá que é barato, é. Um bocadinho mais caros mas com muito mais privacidade são os quartos duplos, os familiares e os apartamentos: o preço mais elevado que se encontra numa pousada de juventude é 90 euros a dividir por seis pessoas.

Se um dos seus filhos tiver cartão jovem, nem sequer precisa de pagar mais nada, caso partilhe o alojamento com ele. Se todos os elementos da família tiverem mais de 26 anos, basta que cada um tire o cartão alberguista para ter o direito ao alojamento nas pousadas de juventude. O cartão alberguista custa 6 euros e é um verdadeiro elixir da juventude dos preços durante um ano inteiro.

E se tem ideia que estas pousadas da juventude são hotéis onde falta a qualidade ou a boa localização, desengane-se: a Pousada de Alijó, por exemplo, inaugurou no fim-de-semana passado, fica mesmo sobre o rio Douro e a maioria dos quartos são duplos; a pousada de Ponte de Lima tem uma arquitectura bem contemporânea e está a dois passos do centro histórico da vila; e pousadas junto à praia também há, desde a novíssima pousada da Arrifana, na costa vicentina, à pousada da Areia Branca ou de Porto de Mós.

Se ainda tem dúvidas, pode visitar as 48 pousadas que existem em Portugal através da Internet em www.pousadasjuventude.pt.

Então, já está a fazer as malas?

Págs. 46-47

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

1. Qual; Esse.
2. Limpa-a; deixa-a; corta-a; coloca-os; junta-as; serve-a.
3. Tu; te; lhe; vos; nós.
4. **a.** Tratávamo-las; **b.** suprimi-lo; **c.** ter-lho-ia revelado; **d.** a encontre; **e.** põe-na; **f.** construí-lo-ão; **g.** ser-lhes-á; **h.** compu-la; **i.** Tinham-nas adquirido; **j.** Tê-lo-á; **k.** Di-lo; **l.** lê-lo.

Nesta unidade são abordadas características geográficas, históricas e culturais de Portugal, assim como excertos de obras da literatura portuguesa.

Relacionados com estes temas e ao nível das competências de oralidade e de escrita, são trabalhadas, entre outros, a sinopse, a nota biográfica e a apresentação oral. A leitura icónica é outra das vertentes em foco nesta unidade.

Pág. 49

Transcrição do registo áudio: “Anúncio – Portugal”

áudio pág. 49 – faixa 8

Anúncio – Portugal

Nas margens ocidentais da Europa, onde a terra acaba e o vento traz os odores quentes de África, existe um país de marinheiros e gentes calorosas. Um país de contrastes que faz da diversidade uma das suas maiores riquezas, de terras onde a natureza permanece intocada e o tempo pára. Um reino de planícies sem fim e praias banhadas pelo Atlântico e pelo sol. Portugal, um país que é preciso viver profundamente para compreender.

Um país de artistas que deixaram a sua marca em obras que o tornaram conhecido em todo o mundo. A sua longa história pode ser vivida em castelos imponentes, onde é possível passar a noite entre paredes que resistiram a reis, califas e ao próprio tempo. Em palácios saídos de contos de fadas, rodeados por florestas encantadas, repletas de recantos românticos. Onde até os mais enamorados partem sempre com uma nova paixão. Mas Portugal também tem outra face, em que a grandeza de outrora mora ao lado do futuro.

Uma nação jovem e acolhedora que vive intensamente vinte e quatro horas por dia. Um país vibrante e cheio de cor onde o sol brilha o ano inteiro. Um território onde é fácil encontrar a natureza no seu estado primordial. Em montanhas que tiram a respiração mesmo ao viajante mais experimentado. Em locais onde a grandiosidade da paisagem compete com a majestade da fauna. E mesmo quando tudo parece visto, Portugal tem algo mais para oferecer, a possibilidade de não fazer nada... Relaxe e desfrute das praias intermináveis de um país com 850 quilómetros de costa!

E depois de um dia em cheio, comece a noite com um grande jantar. Porque num país com séculos de história e alguns dos melhores vinhos do mundo, a cozinha tornou-se uma forma de arte que vale a pena apreciar.

Portugal é tudo isto e muito mais! Uma terra maravilhosa e cativante do primeiro ao último segundo. Um país único que lhe oferece mil e um cenários de diversão. Embarque numa viagem apaixonante.

Respire fundo e mergulhe numa experiência inesquecível!

Pág. 50

Na secção «Outros autores e textos da literatura portuguesa» estão disponíveis mais sugestões para projectos de leitura, individuais ou colectivos.

A este propósito, sugere-se, igualmente, a consulta das seguintes páginas:

→ Plano Nacional de Leitura – <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>

→ A Casa da Leitura – <http://www.casadaleitura.org/>

→ Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas – <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/Paginas/home.aspx>

Pág. 52

No **Trabalho de Grupo/Projecto** proposto, solicita-se aos alunos a apresentação de uma sinopse do filme escolhido. O texto que se segue poderá ser trabalhado previamente, em termos modelares, ou apresentado *a posteriori*, para efeitos de sistematização.

Exemplo de sinopse

Columbo é uma série televisiva dos anos 70 que revolucionou as histórias de detectives, onde o papel principal é interpretado pelo actor Peter Falk.

Ao contrário do que geralmente ocorre em filmes policiais, cada episódio começa mostrando quem é o assassino e os pormenores de como cometeu o homicídio. Todos os crimes têm um ponto comum: o criminoso monta um álibi que parece perfeito.

Depois entra em cena Columbo, um tenente da Divisão de Homicídios da Polícia de LA, sempre vestido com uma gabardina e a guiar um velho Peugeot. Embora fale na mulher e num sobrinho, estes nunca aparecem.

Columbo é educado e faz tudo para não ofender os suspeitos; aparentemente distraído, dá a impressão de não ter a mínima hipótese de resolver o crime. Passa ao assassino uma falsa sensação de segurança, pois faz perguntas tolas e despretensiosas. Apesar disso, aos poucos e metodicamente, junta os pedaços do quebra-cabeças e consegue sempre desmontar o álibi e desvendar o crime, para espanto do assassino. Resolve os crimes pela lógica.

Spielberg dirigiu alguns episódios da série, que contou com a participação de artistas famosos à época, como Suzanne Pleshette, Ray Milland e Leslie Nielsen, entre muitos outros. Em Portugal alcançou grande êxito na RTP, no início da década de 1980.

www.wikipedia.org (adaptado)

Aconselha-se, igualmente, a consulta dos materiais disponibilizados nas páginas 60 a 63, na secção «Trabalho de Projecto: grelhas de observação/avaliação».

Pág. 53

Audição do texto “Um dia em Lisboa” disponível no CD Áudio – faixa 9.

Pág. 57

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

1. Tarde, advérbio de tempo; bastante e demasiado, advérbios de intensidade; então, advérbio de tempo.
2. Rapidamente; dificilmente; inutilmente; proximamente; ordenadamente; habilmente.
3. **a.** Sintagma nominal; **b.** Sintagma adjectival; **c.** Sintagma adjectival; **d.** Sintagma adverbial; **e.** Sintagma adjectival.
4. **a.** Advérbio núcleo, tarde; advérbio modificador, bastante; **b.** Advérbio núcleo, bem; advérbio modificador, maravilhosamente; **c.** Advérbio núcleo, cuidadosamente; advérbio modificador, muito; **d.** Advérbio núcleo, mal; advérbio modificador, especialmente.

Pág. 63

A actividade de **Expressão Oral** apresentada assenta na leitura icónica. Sugere-se o trabalho sobre as imagens seleccionadas pelos alunos a partir do referencial que se segue (como sugestão metodológica, propõe-se uma apresentação modelar prévia pelo professor de uma imagem escolhida por si, de modo a «dirigir o olhar» do aluno para os aspectos mais pertinentes e produtivos da imagem).

Tópicos para a leitura de imagem⁵

As imagens reproduzem olhares sobre o mundo e o modo como o vemos. É, por isso, importante confrontar o olhar que nos chega através da imagem com o nosso próprio olhar, de modo a podermos apreender o que a imagem pretende «dizer-nos».

A imagem fixa

A imagem fixa procura representar uma realidade, reconstruída segundo regras próprias da linguagem visual – é um meio de expressão que, pelos materiais, técnicas ou funções, contém traços comuns. Vejamos alguns:

<p>Quadro (espaço onde se vê a imagem)</p>	<p>Desde o Renascimento que o quadro é entendido como uma espécie de janela, pela qual o mundo é dado a ver aos outros. O quadro é, normalmente, quadrado ou rectangular (horizontal ou vertical).</p>
<p>Composição (organização do espaço no interior do quadro)</p>	<p><u>Organização espaciotemporal</u>: o eixo vertical divide a imagem em duas partes. A parte da esquerda remete para o presente ou passado recente e a parte da direita para um futuro próximo. É possível imaginar, no centro do quadro, duas diagonais paralelas, uma de aproximação e outra de fuga. O eixo horizontal separa a imagem entre a terra e o céu, entre uma zona de materialidade e outra de espiritualidade.</p> <p><u>Organização estética</u>: a imagem pode recortar-se imaginariamente segundo quatro linhas, situadas no terço da imagem, chamadas as «linhas de força»; as intercepções destas linhas são os «pontos de força». O seu posicionamento revela os pontos-chave da imagem.</p>
<p>Luz A cor. O preto e branco.</p>	<p><u>A cor</u>: a luz solar transmite uma sensação de naturalidade e a luz artificial, usada intencionalmente, teatraliza a cena.</p> <p>O uso das cores pastel esbate e suaviza a imagem; a imagem pode ser realçada por contrastes acentuados ou pelo uso de grande variedade de cores.</p> <p><u>O preto e branco</u>: relaciona-se com uma escolha estética ou com a sugestão de que a cena se situa no passado.</p>
<p>Precisão</p>	<p>Qualquer tipo de imagem, em qualquer tipo de suporte, pode apresentar maior ou menor nitidez, segundo os efeitos desejados e o que se quer representar. Por exemplo, a imagem tremida ou desfocada pode sugerir movimento.</p>
<p>Ângulo de visão</p>	<p>A posição em que o autor da imagem se coloca para fotografar ou pintar também é importante na construção do sentido: a posição ao mesmo nível traduz objectividade (equivale ao olhar do espectador); de cima para baixo, pode sugerir a desvalorização do assunto, do objecto; de baixo para cima, o contrário, simulando a valorização do que é representado.</p>

⁵ Damien Bressy, <http://pedagone.creteil.iufm.fr./ressources/image> (adaptado)

Tipos de imagens fixas	
Técnicas diferentes	Usos diferentes
<p>O <u>fabrico da imagem</u>: é diferente num desenho, numa pintura a óleo, numa colagem, num vitral, numa tapeçaria...</p> <p>A <u>reprodução da imagem</u>: é diferente, conforme se trate da reprodução de um quadro, de uma gravura, de uma litografia, de uma serigrafia...</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Os <u>usos institucionais</u> (fotografia de identidade, selos), <u>sociais</u> (postais, fotografias de família) e <u>comerciais</u> (cartazes, prospectos, cartões publicitários, <i>outdoors</i>) estão associados ao papel prático da imagem no quotidiano. – Os usos <u>técnicos e científicos</u> (desenhos industriais, imagens médicas), <u>religiosos</u> (ícones, retábulos, vitrais) ou <u>políticos</u> (cartazes eleitorais, desenhos de imprensa) estão associados à persuasão e à pedagogia. – Os usos culturais colocam a imagem ao serviço da informação (fotos de imprensa) ou da arte (gravura, pintura), associando-a frequentemente a textos (banda desenhada, ilustrações e obras literárias).

Funções da imagem			
Informativa e explicativa	Argumentativa e crítica	Estética	Simbólica
<p>A imagem testemunha uma realidade (fotos de imprensa, foto-reportagens, retratos) com o objectivo de informar ou explicar, concretizando a informação (uso de esquemas, planos, croquis, etc.).</p> <p>Por outro lado, muitas vezes os seres ou objectos representados fazem parte de um universo imaginário ou fortemente influenciado pela subjectividade do seu autor (pintura, filmes de ficção, fotomontagens).</p>	<p>A imagem visa, sobretudo, persuadir, criticar, fazer pensar ou agir.</p> <p>Na publicidade, a imagem pretende incentivar o consumo, pelo que é um instrumento eficaz de propaganda (quadros, cartazes).</p>	<p>A imagem visa a satisfação e o prazer do belo, valorizando as repetições, alternâncias ou contrastes dos elementos que a configuram, como as linhas, as formas, a cor, a luz...</p>	<p>A imagem orienta-se para significados sobrepostos à própria realidade (como acontece com bandeiras, imagens convencionais, como o coração com uma flecha...).</p>

A construção da imagem
(As imagens são compostas para obter determinados efeitos.)
Enquadramento
<p>A imagem constrói-se nos limites que determinam a <u>escala</u> do que é representado (por exemplo, panorama vs. objecto em grande plano).</p> <p>O <u>efeito de profundidade</u> é assegurado pela disposição das imagens (do primeiro plano para o último plano), criando assim a perspectiva.</p>
Linhas
<p>As <u>verticais</u>, as <u>oblíquas</u> e as <u>diagonais</u> criam movimentos de ascensão e a sensação de dinamismo.</p> <p>As <u>horizontais</u> alargam o espaço.</p> <p>As <u>curvas</u> sugerem movimento (desordem, harmonia, etc.).</p>

Cores
Os <u>efeitos de harmonia</u> são produzidos pelo <i>degradée</i> ou pela associação de cores complementares. Os <u>efeitos contrastivos</u> são criados através da utilização de cores diferentes ou de jogos de luz.
Pontos fortes
São as tonalidades claras ou escuras que contrastam com a dominante cromática ou os elementos situados na intersecção das linhas de força – estes atraem o olhar e orientam a interpretação.

As cores
Branco – síntese de todas as cores, simboliza a pureza de alma; é a cor da paz e da perfeição. Pode simbolizar a candura e a claridade, mas, ao mesmo tempo, a palidez, a frieza e a esterilidade.
Preto – cor que absorve as demais, é símbolo da escuridão, da interrupção da vida, do sofrimento, da dor, do silêncio, do abismo, do medo.
Vermelho – cor do fogo, do perigo, da paixão; símbolo da coragem, da vitalidade; cor da felicidade (no Oriente).
Cor-de-laranja – cor do aconchego e do bem-estar. Símbolo do optimismo e da generosidade. Representa o equilíbrio entre a sexualidade e o espírito.
Amarelo – cor do sol, da luz, símbolo de riqueza e de alegria.
Verde – símbolo do equilíbrio. Relaciona-se com a Natureza – princípio e fim de tudo. Símbolo da esperança, da juventude, da prosperidade.
Azul – cor da purificação e da busca da verdade interior. É a cor do mar e do céu. Pode exprimir distanciamento e aproximação. Simboliza serenidade, harmonia, amor e fidelidade.
Anil – cor da espiritualidade em sintonia com a matéria; remete para a racionalidade; exprime reserva e introversão. Simboliza, como o azul, fidelidade.
Violeta – cor da alquimia e da magia; cor da espiritualidade, da intuição e da inspiração; cor de energia cósmica, é símbolo da transformação e profundidade.
Cor-de-rosa – combinação da pureza do branco com a força do vermelho, é o símbolo do amor e do coração.
Castanho – representa a estabilidade, a terra, a solidez.

Sugere-se igualmente a consulta do material disponibilizado nas páginas 53 a 56, na secção «Expressão oral: guiões/grelhas de avaliação».

UNIDADE 5

O elemento central desta unidade são os textos dos *media* nos seus diversos suportes, com especial incidência na realidade portuguesa.

A notícia, a entrevista e o texto de opinião são os géneros privilegiados nas tarefas e actividades a desenvolver com os alunos.

Pág. 69

Na **Expressão Escrita** é solicitada a elaboração de uma notícia de acordo com a estrutura previamente apresentada; sugere-se a disponibilização da lista de verificação proposta na página 50, para que o aluno possa levar a cabo, autonomamente, a revisão da sua produção escrita.

Pág. 72

Transcrição do registo áudio: “TSF – Programa *Mais cedo ou mais tarde*: Um doutoramento em *surf*”

áudio pág. 72 – faixa 10

TSF – Programa *Mais cedo ou mais tarde* (emitido em 20-1-2009) – Um doutoramento em *surf*

Miguel Moreira, o nosso convidado de hoje, terá sido a primeira pessoa no mundo a doutorar-se sobre o *surf*. Miguel Moreira é professor na Faculdade de Motricidade Humana em Lisboa e é ele próprio treinador de *surf*. Miguel Moreira preparou também um manual teórico baseado na sua longa investigação para as escolas de *surf* em Portugal. É sobre isto que vamos conversar.

– Boa tarde, Miguel!

– Olá, boa tarde!

– Viva, viva! Miguel, foi o primeiro a fazer um doutoramento... qual foi a sua motivação?

– Bem... Eu praticava *surf* como uma modalidade de lazer já que eu era ginasta de competição, praticava trampolins e depois, no Verão ou durante as férias, acabava por praticar *surf* e sempre achei que era uma modalidade muito atractiva. E depois, por diversas razões, acabei por me desligar da ginástica, mas mesmo assim, à medida que ia trabalhando ou tentando usufruir do *surf* como uma modalidade de lazer, ia procurando também saber quem é que estava no terreno a trabalhar com os surfistas de competição e fui-me tentando inteirar do que é que era o desenvolvimento desta modalidade, quer em Portugal quer também no estrangeiro. E depois, a partir daqui, por algumas circunstâncias do acaso, tinha também de fazer um estudo relacionado com a minha progressão académica na Faculdade de Motricidade Humana e, portanto, tinha que fazer um doutoramento e, a partir daí, acabou por surgir essa ideia de estudar um pouco melhor o *surf*, já que, no meu entender, estávamos ainda nos primórdios desta modalidade, quer em termos científicos quer também em termos desportivos.

Sugere-se a disponibilização deste texto complementar aos alunos, sob forma de fotocópia ou outra considerada adequada.

O que é uma entrevista?

Uma entrevista é uma conversa entre duas pessoas, em que uma faz perguntas e a outra responde, normalmente transcrita em discurso directo, ou seja, no formato de pergunta-resposta. Numa boa entrevista, é necessário explicar, normalmente num texto de entrada, quem é a pessoa entrevistada: nome, idade, profissão (ou actividade) e razão pela qual foi ouvida. Quando há espaço, e se for relevante para o assunto que se está a tratar, também pode ser interessante saber, por exemplo, que outras coisas essa pessoa já fez na vida ou que gostos tem.

Normalmente gravam-se as entrevistas, sobretudo se forem longas. Como a linguagem oral é diferente da linguagem escrita, o jornalista tem, na maior parte das vezes, de editar as respostas do entrevistado, ou seja, de pôr em linguagem escrita aquilo que foi dito oralmente: construir frases com princípio, meio e fim, gramatical e semanticamente correctas; não repetir as ideias ou as informações; retirar informações que são acessórias (aquilo a que normalmente chamamos «palha»); retirar perguntas que não tiveram respostas interessantes ou não acrescentam nada ao que já foi escrito. Neste trabalho de edição, é fundamental, no entanto, nunca deturpar o sentido daquilo que o entrevistado disse.

Na televisão, as entrevistas que não são feitas em directo também podem ser editadas, retirando, por exemplo, as perguntas que não tiveram respostas interessantes.

Como se prepara uma entrevista?

É importante, antes da entrevista:

- tentar recolher informações sobre a pessoa que se vai entrevistar ou sobre o assunto de que se vai tratar;
- preparar uma lista do que se quer perguntar e saber. Se não o fizermos, corremos o risco de, terminada a entrevista, nos apercebermos de que ficamos por fazer perguntas importantes. Esta lista de perguntas é uma espécie de uma «cábula» que nos ajuda a não perder o fio do que é essencial, mas que não tem de ser obrigatoriamente seguida à risca: quando se entrevista alguém, há que ouvir sempre, com atenção, o que ela diz: para ver se responde à pergunta que fizemos ou se teremos de insistir, ou se as informações que nos está a dar suscitam outras questões.

Pág. 74

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

- 1. a.** gosto imenso da cantora Mariza; **b.** canta magnificamente o novo fado; **c.** aplaude-a convictamente nos seus concertos pelo mundo fora; **d.** cobrem-na constantemente de flores; **e.** colocou a música portuguesa na boca do mundo; **f.** vai muito ao estrangeiro em digressão; **g.** vive em Portugal há vários anos.
- 1.1.** Gosto da cantora. **1.2.** Ela canta o fado. **1.3.** O público aplaude-a. **1.4.** Cobrem-na de flores. **1.5.** Colocou a música na boca do mundo. **1.6.** Vai ao estrangeiro. **1.7.** Vive em Portugal.
- 1.2. a)** da cantora; **d)** de flores; **e)** na boca do mundo; **f)** ao estrangeiro.
- 2.1.** Permaneceu; tornaram-se; conheceu; ficou; esteve; continuava; ser; parecia; tornou-se; chama-se.
- 2.2. b)** os telemóveis (suj.); tornaram-se (v. cop.); imprescindíveis (pred. suj.); para falar com a família lá (outros constituintes); **c)** (Ela) (suj.); conheceu (v. cop.); um rapaz simpático, o Pedro (pred. suj.); na Ilha do Sal (outros constituintes); **d)** A Rita (suj.); ficou (v. cop.); tristíssima (pred. suj.); com o aproximar do fim das férias (outros constituintes); **e)** O Pedro (suj.); esteve (v. cop.); lá (pred. suj.); ainda mais uma semana (outros constituintes); **f)** A Rita (suj.); continuava (v. cop.); aborrecida (pred. suj.); mas o Pedro não (outros constituintes);

g) Ela e ele (suj.); hão-de ser (v. cop.); amigos (pred. suj.); sempre (outros constituintes); **h)** A nova escola (suj.); parecia (v. cop.); agradável (pred. suj.); **i)** O regresso às aulas (suj.); tornou-se (v. cop.); mais fácil (pred. suj.); do que ela pensava (outros constituintes); **j)** A escola (suj.); chama-se (v. cop.); Escola Germano de Almeida (pred. suj.); por coincidência nome de um escritor cabo-verdiano (outros constituintes).

3. Resposta livre.

Pág. 78

Transcrição do registo áudio: “RTP – Telejornal”

áudio pág. 78 – faixa 11

RTP – Telejornal (emitido em 16-06-2009)

Começou também a primeira fase dos exames nacionais. Quase 74 mil alunos fizeram a prova de português. O exame com texto... com textos da obra do escritor Luís de Sttau Monteiro.

A noite foi longa e nervosa para muitos estudantes. A ansiedade tirou cedo da cama Dulce e Inês, as primeiras a chegar à escola:

– Deitei-me um bocadinho tarde para rever e tal... Mas pronto, as horas que dormi, consegui descansar bem! É bom!

– Aquele exame que nos diz “Olha, entras ou... ficas à porta, pronto...”.

– Quais são as expectativas?

– Vamos lá a ver se corre bem!

Nervosismo em Vila Nova de Gaia e também em Lisboa:

– Um pouco nervoso, mas quando começarmos o exame acho que os nervos passam.

– Estou preparada! É das disciplinas mais fáceis!

Os nervos à flor da pele chegam hoje a 74 mil alunos do 12.º ano. Estuda-se ainda a poucos minutos do toque de entrada:

– E agora é dar uma vista de olhos... à última da hora... para tentar...

– Pode ser útil essa vista de olhos?

– Costuma-se dizer que não, muitas vezes costuma-se dizer que sim... *Whatever!*

Fazem-se apostas, quase unânimes, e nas quais se aplicou mais estudo:

– Então, o que é que acham que vai sair hoje?

– Fernando Pessoa. [vários alunos]

– Porque já não sai há imenso tempo. No ano passado saiu *Lusíadas* e *Memorial do Convento* e então à partida será *A Mensagem*, não sabemos...

– Catarina Marta Amaro!

Nesta escola de Vila Nova de Gaia há 306 alunos a fazer o exame de Português, nesta de Lisboa 122. Até ao final da semana realizam-se quase 350 mil provas.

– Isto são os piores momentos aqui à porta?

– São os momentos mais... que nos dão mais nervos e tal...

Duas horas de exame com meia de tolerância. A prova revelou uma aposta falhada, mas nem por isso foi difícil:

– Não foi nada do que eu estava à espera porque... eu estava à espera da “*Mensagem*” e saiu “*Felizmente há luar*”.

– Foi bom! Foi fácil, até! Foi acessível...

– A escolha múltipla era acessível e o respectivo texto que com ela trazia. E a composição final sobre a liberdade eu acho que toda a gente deve ter escrito a maior parte certo, não é?!

– Penso que correu bem, acho que era mais fácil do que aquilo que as pessoas estavam à espera. Acho que era bastante acessível!

No final houve vontade e razões para cantar os parabéns:

– Parabéns a você nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida...

Pág. 80

Consultar as páginas 48 a 52, na secção «Expressão Escrita: guiões/grelhas de avaliação», para informação e material complementar a utilizar com os alunos.

Transcrição do registo áudio: “Antena 1 – Programa *Janela Indiscreta*”

áudio | pág. 80 – faixa 12

Antena 1 – Programa *Janela Indiscreta* (emitido em 15-5-2009) – Nuno Artur Silva

O que se vê quando se entra no blogue é um computador portátil aberto, desenhado à mão, como se fosse realmente um bloco de notas; porém, um bloco dos tempos modernos. Não há cabeçalho nem nome. Depois, no ecrã daquele computador desenhado à mão, estão as diversas áreas do blogue porque afinal, apesar de não parecer, é um blogue. Ou será um site? Ou será um bocadinho de cada um? A essa pergunta o autor responde: «Este sítio é um bloco de notas.» Assim nasceu esta semana o blogue de Nuno Artur Silva, a alma e o espírito das Produções Fictícias e, de alguma forma, do humor que se faz em Portugal. Para explicar melhor o blogue, escreve ele: «Os esboços e as anotações à margem dos projectos e dos trabalhos já feitos, o registo do *work in progress*, das obras em curso. Por aqui encontrarão os temas que me interessam e que me inspiram: as pessoas e as suas relações, as cidades, as ideias e as histórias, o que está a mudar e o que permanece, o tempo e as suas passagens. Um bloco de notas aberto a todos os amigos ou simplesmente para quem tenha curiosidade por aquilo que eu tenho feito ou vou fazendo. E é muito, ainda que Nuno resista à ideia de escrever uma autobiografia e cite até a piada corrente que só se for «uma autobiografia não autorizada». Na verdade, a sua longa carreira como argumentista, criativo, criador em todas as frentes da comunicação, da escrita à televisão, passando pela rádio, pelo teatro, pelo cinema, bom, todo esse percurso explicado é, pelo menos, complexo. «Não é fácil explicar o que faço: autor, argumentista, produtor, empresário? Ultimamente digo empresário porque é mais simples e, curiosamente, mais respeitável. Pensando bem, aquilo que tenho de começar a dizer é que sou artista de variedades, não só porque me parece verdade, mas porque pode causar divertidos equívocos, não negligenciáveis para uso ficcional. Fui actor de um grupo alternativo, vagamente intelectual, literato, professor, humorista, fundei uma empresa, a Agência de Autores, etc. Tudo isto não adianta porque, desde que apareço na televisão, sou simplesmente conhecido como aquele gajo do Eixo ou lá o que é...». Pois é, a televisão, que Nuno bem conhece, acaba por asfaltar tudo o resto. Quem o conhece sabe o que fez e faz, sabe que Nuno Artur Silva é muito mais do que «o tipo que aparece na SIC Notícias, no programa *Eixo do Mal*». Dito isto, o blogue promete. Promete mais de Nuno Artur Silva, do seu talento, mas à cabeça garante um design poderoso e criativo, assinado por Maria João Freitas e Marco Dias e um conceito inteligente e novo, que acaba por fazer justiça, justamente, ao seu autor. Está em nunoartursilva.blogs.sapo.pt e é então a minha escolha desta semana.

Pág. 81

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

- porque, para provar;
 - visto que, para provar;
 - apesar de, para opor e restringir;
 - embora, para opor;
 - se, para apresentar hipótese e condição;
 - desde que, para apresentar hipótese e condição.

UNIDADE 6

O tema central desta unidade é o futuro, com incidência no percurso escolar e profissional dos alunos e das tipologias textuais (orais e escritas) que precisarão de dominar nesse contexto.

O anúncio e a entrevista de emprego assim como a redacção do *curriculum vitae* são as tarefas que estão no cerne das actividades a desenvolver com os alunos.

Pág. 86

Transcrição do registo áudio: “Antena 3 – Programa *Faz-te à vida*”

áudio pág. 88 – faixa 13

Antena 3 – Programa *Faz-te à vida* (emitido em 28-1-2009) – Pasteleiro e enfermeiro, precisa-se

A Suécia quer um pasteleiro, aliás, um chefe-pasteleiro. Curioso ou curiosa? Pois bem, caso o sejas, pasteleiro, fica a saber que é preciso que já tenhas experiência de, pelo menos, um ano nessa mesma função. Claro que falar inglês fluentemente é um imperativo para este contrato. Para te candidatares deves enviar o teu currículo e uma carta de motivação, as duas escritas em inglês (vá lá não ser em sueco já tens muita sorte!). O CV e a carta de motivação devem então ser enviados para o *mail* da conselheira eures margarida.rodrigues@iefp.pt (duas vezes).

Da Suécia para a Suíça. No país dos relógios e dos chocolates querem recrutar um enfermeiro e por que não tu? Licenciatura terminada, é claro, mas não é necessário que tenhas anos de experiência. O que querem mesmo é que tenhas alguma tarimba em serviço de urgência, cuidados intensivos ou na área de instrumentista. Na Suíça é o francês que te vai dar muito jeito e é na língua de Balzac que vais ter de escrever o teu currículo e carta de motivação. Depois envia ambos para o conselheiro eures joao.medroa@iefp.pt (duas vezes).

Caso não tenhas apanhado, não há problema, vai ao blogue do *Faz-te à vida* em antena3.rtp.pt.

Na Expressão Escrita pede-se ao aluno que crie, com o auxílio do professor, o seu currículo, de acordo com o modelo *Europass*.

Este modelo poderá servir-lhe de apoio (sugere-se a disponibilização em fotocópia ou projecção em *PowerPoint* ou outro formato).

Exemplo de um *curriculum vitae* preenchido

Europass curriculum vitae

Informação pessoal

Apelido(s) Nome(s) **Rodrigues, Carlos**
 Morada(s) **40, Rua do Monte, P-8400 Chaves**
 Telefone(s) **(351-2) 76 12 34 56** Telex(es) **(351) 91 12 34 58**
 Faxes(s) **(351-2) 76 12 34 23**
 Correio(s) eletrónico(s) **c.rodrigues@tal.pt**

Nacionalidade(s) **Portuguesa**
 Data de nascimento **20-09-80**
 Sexo **Masculino**

Emprego pretendido / Área de competência
PASTELERIA e PASTELARIA

Experiência profissional

Emprego 1

Dados **De 1992 até 2006**
 Função ou cargo ocupado **Sócio - Gerente**
 Principais atividades e responsabilidades **Gerente e responsável pela pasteleria, panificação e geladaria**

Nome e endereço do empregador **Sapão, Lda - 34, Rua de S. João, P-8400 Chaves**
 Tipo de empresa ou sector **Indústria da panificação**

Dados **De 1993 até 1999**
 Função ou cargo ocupado **Pastelero e Pastelaria**
 Principais atividades e responsabilidades **Coordenar todos, pão e outros produtos alimentares de pasteleria e pastaria por processos manuais e mecânicos.**

Nome e endereço do empregador **Panificação do Sítio - 127, Avenida de la Paix, F-25000 Besancon**
 Tipo de empresa ou sector **Indústria da panificação**

Dados **De 1989 até 1993**
 Função ou cargo ocupado **Aprendiz de Pastelaria**
 Principais atividades e responsabilidades **Ajudar no confeção de todos e outros produtos alimentares de pasteleria**

Nome e endereço do empregador **Patisserie Bijou - 11, Avenue Charles de Gaulle, F-21000 Beaune**
 Tipo de empresa ou sector **Indústria da panificação**

Figura 1 - Curriculum vitae de Rodrigues, Carlos. Não seque a informação editável. http://europass.cedefop.europa.eu

Educação e formação

Dados **1971 até 1979 - Curso de Pastelaria, Chocobateria e Geladaria**
 Designação do certificado ou diploma emitido **Pastelaria - Chocobateria - Geladaria**

Principais disciplinas/competências profissionais

- organização do serviço de pasteleria e pastaria
- tecnologia dos matérias-primos e dos produtos de pasteleria e pastaria
- métodos de trabalho de pasteleria e de pastaria
- técnicas de confeção de produtos de pasteleria, de chocoateria, de geladaria e de pastaria
- técnicas de avaliação em pasteleria e em panificação

Nome e tipo de organização de ensino ou formação **Escola de Formação Profissional de Aveiro (Fonac)**

Aplicações e competências pessoais

Língua(s) materna(s) **Português (Indique a(s) sua(s) língua(s) materna(s))**

Outra(s) língua(s)

Auto-avaliação **Francês**

Compreender	Ler		Falar		Escrever
	Compreender oral	Compreender escrita	Interagir oral	Interagir escrita	
C1	Utilidade avançada	C2	Utilidade avançada	C1	Utilidade independente

*Nota: a qualificação sempre com o nível de referência C1/C2

Aplicações e competências sociais

- Membro da Assembleia Geral do Clube de Pesca Recreativa de Chaves
- Membro dos Bombeiros Voluntários de Chaves

Aplicações e competências de organização

- Membro da Assembleia Geral do Clube de Pesca Recreativa de Chaves
- Responsável pela organização de concursos de peixe contacto com outros clubes

Aplicações e competências informáticas

Informática no âmbito de aplicação informática e aplicação informática (serviço de pasteleria/pastaria)

Aplicações e competências artísticas

Música (clássica) nos Bombeiros Voluntários de Chaves

Outras aplicações e competências

Patente de condução

Cartão de condução **Carta de Nacionalidade Ligada (B)**

Informação adicional

- Participação em Feiras anuais, comerciais e industriais no distrito de Vila Real
- Fomento de serviços de pasteleria para casamentos, baptizados e aniversários para as melhores casas de região (Hotel de Fátima Chaves, Casa dos Anjos em Montalegre, etc)
- Indiferente
- Presidente da Câmara de Vila Real - 2º Sucesso (Sucesso - Tel: (351-254) 56 18 96)
- Hotel de Fátima Chaves - Sr. Álvaro Pires - Tel: (351-243) 79 90 11

Anexos

Exames de amadurecimento: Pastelaria (sem interrupção)

Figura 2 - Curriculum vitae de Rodrigues, Carlos. Não seque a informação editável. http://europass.cedefop.europa.eu

Pág. 93

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

1. teriam gostado, condicional composto; Comerás, futuro imperfeito; resolverias, condicional simples; terão feito, futuro perfeito; haveria feito, condicional composto; saberão, futuro imperfeito; teria saboreado, condicional composto; amarei, futuro imperfeito; lavaria, condicional simples; oraremos, futuro imperfeito; terá visto, futuro perfeito; rirá, futuro imperfeito.
2. Resposta livre.

Pág. 95

Transcrição do registo áudio: “TSF – Inov-Art”

áudio **pág. 95 – faixa 14**

TSF – Inov-Art leva 240 jovens portugueses a estagiar no estrangeiro (emitido em 30-4-2009)

Houve mais de duas mil candidaturas e dessas candidaturas foram seleccionadas pessoas em muitas áreas. São áreas de todos os tipos artísticos: há 43 na arquitectura, na conservação, no restauro, nas artes performativas, há nas artes visuais 34, há 11 nos cruzamentos artísticos, há em muitas áreas... destes, mais de 2242 irão ser colocados e vão começar a partir de agora em Maio e vão para 48 países, da África do Sul à Venezuela, passando pela Suécia, pela Rússia, pela República Checa, pelo Reino Unido, por Moçambique, pelo

Japão, pelos Estados Unidos da América, pela China, mais perto ou mais longe, vão para fazer estes estágios personalizados. Estou extremamente entusiasmado com a possibilidade de poder proporcionar esta oportunidade a tantos jovens. É uma oportunidade que era raríssima, que era difícil de obter, só pessoas com condições económicas extraordinárias poderiam ter esta possibilidade de fazerem um percurso cosmopolita junto das entidades mais qualificadas nas artes em que eles querem desenvolver a sua actividade e, portanto, acho que isto é, do ponto de vista da abertura da cultura portuguesa, da abertura de oportunidades para que os artistas portugueses se façam ao mundo, repetindo um pouco aquilo que há 500 anos fizemos, uma coisa extraordinária...

Pág. 97

Na **Interacção Oral** é abordada a entrevista de emprego. As questões que se apresentam poderão ser usadas em simulações de entrevistas de emprego (por exemplo, em trabalho de pares um aluno assume o papel de entrevistador e outro de entrevistado).

Perguntas-tipo numa entrevista de emprego

Sobre a experiência profissional

- Como entrou para cada lugar? → Como eram as pessoas que dependiam de si?
- Porque saiu de cada empresa? → Um problema que tenha tido com a sua chefia.
- De quem dependia? → Um problema que tenha tido com os seus subordinados.
- Como era a sua chefia? → Descreva-me as suas funções e responsabilidades.
- Quem dependia de si? → etc.

Sobre o lugar a que se concorre

- Que sabe da empresa a que está a concorrer? → Como pensa que a sua experiência/formação podem interessar à empresa?
- Que sabe do lugar? → Já algum dia fez este tipo de trabalho?
- Porque quer trabalhar para esta empresa? → etc.

Sobre a vida pessoal e profissional

- Como ocupa os tempos livres? → Como pensa vir a ser a sua carreira profissional?
- Pensa continuar a estudar? → Como é que se descreve?
- Se sim, como pensa conciliar os estudos e o trabalho? → Descreva-me os seus pontos fortes e fracos?
- Qual o emprego ideal? → Considera-se ambicioso?
- Como se imagina daqui a uns anos? → etc.

Sobre a sua formação

- Porque tirou esse curso? → Como foram os seus trabalhos de grupo?
- De que cadeira gostou mais e menos? → Porque deixou de estudar?
- Pensa continuar a estudar e o quê? → etc.

UNIDADE 7

O tema central desta unidade são os tempos livres e o modo como o aluno os pode ocupar, enriquecendo o seu conhecimento sobre o património e as actividades e produções de artistas portugueses, no âmbito das várias artes.

O inquérito e a apresentação dos seus resultados, a dissertação e a discussão sustentada de pontos de vista são as tarefas centrais das actividades a desenvolver com os alunos.

Págs. 101-103

Sugere-se a utilização *on-line* de guias do lazer portugueses de modo a diversificar as propostas apresentadas no manual.

Informação disponível em:

→ <http://lazer.publico.clix.pt/>

→ <http://www.lifecooler.com>

→ <http://www.juventude.gov.pt/Portal/Lazer/>

→ <http://www.agenda.pt>

Pág. 105

Transcrição do registo áudio: “TSF – Reportagem”

áudio **pág. 105 – faixa 15**

TSF – Reportagem (emitida em 7-8-2008) – Regressos e estreias no 12.º festival Sudoeste

Um cartaz muito diversificado, com sonoridades que vão do *pop rock* ao *reggae*, passando pelo *jazz*, o fado e a electrónica. Björk, Tindersticks, Goldfrap e Chemical Brothers são alguns dos nomes que vão passar pelos quatro palcos do Festival Sudoeste:

– Vão estar muitas vezes os quatro palcos a funcionar ao mesmo tempo, sendo que obviamente as pessoas podem ir de um ao outro e nós tentamos sempre que quando um palco está no seu intervalo, esteja outro palco a funcionar. Mas obviamente, com quatro espaços constantes de música, não é possível, nem era bom, que cada um tocasse à vez.

Joana Godinho, da promotora *Música no Coração*, que organiza o festival, deixa alguns destaques:

– Temos um novo espaço, que é o *Samsung experience*, o *Kubik*, em que vamos ter sobretudo música electrónica, e é um espaço de dança e de experiências que vem dar um tom azul aqui à Zambujeira, à noite do festival. E obviamente depois todas as surpresas preparadas pelos parceiros e pelos patrocinadores em termos de animações, tal como: uma roda gigante, um escorrega gigante, o *Sapo Wash*, etc...

Na 12.ª edição assinalam-se muitos nomes que regressam a Portugal, mas o cartaz revela também muitas estreias ao vivo. Joana Godinho deixa um convite:

– Que se divirtam, que aproveitem... que aproveitem a música, que aproveitem o bom tempo, que aproveitem o espírito do Sudoeste, a praia, o canal e etc.

Pág. 106

Transcrição do registo áudio: “RDP – Programa *Cinemax*”

áudio pág. 106 – faixa 16

RDP – Programa *Cinemax* (emitido em 16-1-2009) – Contrato

Nicolau Breyner, actor, apresentador e, sobretudo, produtor de televisão, é protagonista no cartaz no início deste ano: ele cumpriu o sonho de realizar uma longa-metragem. A repórter Sandra Gageiro dá conta desta nova etapa no percurso de Nicolau Breyner.

Contrato, o primeiro filme realizado por Nicolau Breyner, foi feito em 24 dias, tempo recorde mas necessário para poupar dinheiro e aproveitar recursos:

– Intensos, de paixão, de sacrifício, de algumas discussões... não foram muitas... De um clima de tensão, que tinha que haver, e no dia que acabámos, parecia mentira... Pelo menos a mim pareceu mentira, disse “Meu Deus, eu acabei o filme!”

Não tem nada que enganar, é um filme de acção: no decorrer de um contrato para assassinar um homem em Marrocos, as coisas correm mal e Peter Macshade acaba por matar o sobrinho de um chefe da máfia nova-iorquina; surge outro contrato, matar Giorgio Stanatos, um chefe da máfia que controla movimentações na Península Ibérica:

«– Por que é que tu precisas de mim?

– Preciso da tua ajuda. Um contrato!

– Quem?

– Giorgio Stanatos!

– O Stanatos... Isso é caça grossa, não vai ser fácil, o gajo nunca sai da toca... E nunca se sabe onde é que está, se no Brasil, se em Chipre... Sei lá?!

– Não, ele está cá... Só que a história é mais complicada...»

Tem todos os ingredientes necessários para chamar fila para a bilheteira: perseguições, violência, mulheres bonitas e sexo... As cenas que supostamente se desenrolam em Marrocos e no Iraque, afinal, decorrem aqui ao lado, no Alentejo.

– Eu posso dizer onde é que foi feito: foi feito nas minas de São Domingos e em Mértola. Aquele Marrocos e aquela... Eu... Isso é a grande magia do cinema. Dá-me muito mais... maior prazer, entre aspas, enganar as pessoas, enganar no melhor sentido... Dizer “Ai, fomos a Marrocos!” Não, foi Mértola...

A ideia do filme surgiu após a leitura de *Requiem para D. Quixote* de Dennis Macshade, pseudónimo do já desaparecido Dinis Machado. O argumento foi feito por Pedro Bandeira Freire, adaptado por Álvaro Romão e pelo próprio Nicolau Breyner.

«– Luís, preciso que me descubras se há algum carro em nome do Giorgio Stanatos!

– Mas tu és maluco! Como é que tu queres que eu faça isso?!

– Não sei! Inventa! Não és tu que és o génio dos computadores?!

– Sou génio, sou génio... mas isto leva tempo!

– Mas eu não tenho tempo! É agora ou nunca!»

Eu... O Dinis Machado, ou o Dennis Macshade, como quiserem, era um mestre do cinema negro. Quando pensei fazer este filme e me foi apresentado, a ideia não partiu de mim, foi da Isabel e do Pedro Bandeira. A história do *Requiem para D. Quixote*, que eu conhecia, eu li e pensei “Há que adaptar!” porque este livro foi escrito em 1967 ou 63, não tenho bem a certeza, em que a violência era completamente diferente da violência dos dias de hoje, infelizmente, era muito mais meiga, chamemos-lhe assim... De forma que houve a necessidade de fazer uma adaptação de tudo isto. Primeiro foi o Pedro Bandeira, depois foi mexido pelo Álvaro Romão e finalmente por mim. Portanto, isto é baseado na ideia do Dinis

Machado, no entanto o filme é diferente do livro. Foi isso que me levou a fazer este livro... este filme... e estou muito satisfeito por assim ser.

Para Dinis Machado, escrever policiais era um sinónimo de liberdade. Entrevistado em 2008 por Paulo Alves Guerra, falava com entusiasmo deste género que o inspirou e que ele, por seu turno, levou tão bem aos outros:

– E quando chegou a altura de escrever os policiais senti uma boa oportunidade para ter mais mão, conseguir organizar um texto, um texto com uma certa ordem. Um policial serve muito bem para fazer isso porque implica a noção de intriga, a obrigação de ter controlo sobre o texto, um certo controlo sobre o texto. Mas nos policiais gozei muito, as paródias pessoais, enormes, porque estava tão livre e estava escondido no meu pseudónimo que eu passava, juntamente na colecção com outros autores americanos, alguns conhecidos outros menos, da *black mask* de um modo geral, da máscara negra, e eu aproveitei para dar liberdade à minha vontade de escrever, homenagear os policiais e ir escrevendo, procurar as palavras que mais ou menos sempre me fugiram, sempre andaram à minha frente um bocadinho... Eu sempre andei um pouco atrás delas...

«– Mr. Shade, estava à sua espera!

– Como é que sabe o meu nome?

– Eu sei tudo o que se passa à minha volta! Eu sou cego mas tenho mil olhos...»

Nicolau Breyner recorreu a actores de peso como Vítor Norte, José Wallenstein, Joaquim Nicolau e José Raposo e nomes ainda não tão cimentados como Pedro Granger e Cláudia Vieira mas sublinha que foi este elenco que quis e que voltaria a usá-lo. O realizador acredita que *Contrato* vai mudar o panorama do cinema português.

«– O dinheiro é todo igual, não é?! O dinheiro não tem cor!

– Com os cumprimentos do senhor Tanatos!»

Informação disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/cinema-portugues.html>.

Para além das várias sugestões feitas ao longo da unidade, sugere-se ainda a realização da seguinte actividade, no âmbito do *Saber Mais*.

Os museus portugueses

Pesquisa informação em enciclopédias, na Internet e noutras fontes de informação sobre os Museus de Portugal. Escolhe um museu e redige um texto informativo-expositivo sobre o mesmo (aprox. 100 palavras).

Informação disponível em <http://www.museusportugal.org>.

Págs. 109-110

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

1. **a)** encontre / esteja; **b)** esqueças; **c)** façam; **d)** possa; **e)** seja; **f)** vá; **g)** esteja; **h)** tenha; **i)** acabem; **j)** saibam; **k)** haja; **l)** despachem; **m)** pergunte; **n)** cheguem; **o)** peça.
 2. **a)** tivéssemos; **b)** gostasse; **c)** esperassem; **d)** pudesse; **e)** matassem; **f)** pegasse / tivesse; **g)** viesse; **h)** abrissem; **i)** fosse; **j)** cumprisse; **k)** lessem / vissem; **l)** soubesse; **m)** quisesses / substituísse; **n)** fosse; **m)** bebêssemos.
 3. **a)** puderes; **b)** acontecer; **c)** passarem; **d)** for; **e)** souberes; **f)** encontrares; **g)** vieres; **h)** quiser.
1. **a)** lê-se; **b)** lesse; **c)** Lê-se; **d)** lesse.
 2. **a)** falasse; **b)** Fala-se; **c)** fala-se.

UNIDADE 8

Nesta unidade os temas aglutinadores são a cidade e as noções de cidadão e cidadania.

Para além do enriquecimento lexical e conceptual a propósito destes temas, as actividades propostas centram-se na pesquisa e no tratamento da informação, na elaboração de resumos, reportagens e glossários.

Pág. 115

Léxico – correcção dos exercícios:

1. Resposta livre.
2. Cidade Luz, Paris. Cidade Proibida, Pequim. Cidade Santa, Meca ou Jerusalém. Cidade Eterna, Roma. Cidade das Sete Colinas, Lisboa. Cidade Maravilhosa, Rio de Janeiro. Cidade Invicta, Porto. Cidade Museu, Évora. Cidade Azul, Chefchaouen. A Grande Maçã, Nova Iorque.
3. Resposta livre.
4. Resposta livre.

Pág. 119

Na Expressão Escrita pede-se ao aluno que elabore um resumo. Sugere-se que lhe seja facultada a lista de verificação disponível na página 49 para apoio à revisão autónoma do seu texto.

Pág. 123

Transcrição do registo áudio: “Antena 1 – Programa 1 minuto pela Terra”

áudio pág. 123 – faixa 17

Antena 1 – Programa 1 minuto pela terra (emitido em 25-3-2009) – Passeio árvores de Lisboa

Em grandes cidades a vegetação é, sem dúvida, um elemento essencial em termos ambientais, paisagísticos, mas também culturais, já que muitas delas acabam por contar uma história. Hoje, damos-lhe uma sugestão para ficar a conhecer melhor as árvores de Lisboa. Já no próximo sábado, dia 28, o projecto Montes e Vales vai realizar um percurso pedestre por vários pontos da cidade, ao longo do qual se poderão observar as diversas árvores autóctones e exóticas que existem na capital, algumas delas hoje representadas por apenas um exemplar. A caminhada vai ser guiada por uma bióloga que explicará os detalhes de cada árvore, como o nome, a origem ou a utilidade. Caso não possa participar neste passeio do dia 28, terá mais oportunidades, pois este será apenas o primeiro de vários percursos pelas árvores da capital. Por isso, se vive em Lisboa ou está de passagem, informe-se através do correio electrónico geral@montesevales.com e participe nesta busca pela flora lisboeta. O ambiente, certamente também você mesmo, ao fazer o passeio, vão agradecer.

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

- (i) **a.** tenhas ido; **b.** tenha sido; **c.** tenhas estado; **d.** esteja; **e.** tenhas escrito.
- (ii) **a.** tivesses ido; **b.** tivesse sido; **c.** tivesses estado; **d.** faça; **e.** tivesses escrito.

Pág. 125

Sugere-se a utilização das grelhas de avaliação do debate disponíveis nas páginas 57 a 59, em «Expressão oral: guiões/grelhas de avaliação».

Transcrição de um excerto do registo áudio: “TSF – Reportagem”

Apresenta-se a transcrição do excerto que entendemos ter a duração adequada para utilização na sala de aula; o professor poderá, no entanto, optar por utilizar o registo áudio na íntegra.

áudio pág. 125 – faixa 18

TSF – Reportagem (emitida em 23-3-2009) – O pastor-autarca

Estar no campo a tratar dos animais é a tarefa diária de Albino Pedrinho. Podem ser vacas, cabras ou cavalos. Ao todo são 280 animais para lida diária.

– Vacas e vitelos tenho 52 cabeças. Tenho 5 cavalos. Tenho 40 cabras. Tenho 37 cabritos. E o resto são as ovelhas e borregos pequenos. Tenho galinhas, também... patos, pombos... Cães também tenho, sim, cães também...

Só faltou contar os porcos e os gatos lá de casa. O trabalho de Pedrinho começou aos 10 anos. Andou nas vindimas no Douro, apanhou azeitona, foi ajudante de camionista e agricultor na Suíça. Aos 43 anos leva a vida passada no campo:

– Agora levanto-me sempre às seis horas da manhã e despego às vezes nove horas, depende da hora, não é, mais ou menos, nove, dez horas da noite. E no Verão levanto-me sempre às quatro da manhã para sair com o gado cedo, quando de noite por causa do calor, dele comer pela fresca, saio sempre às quatro da manhã e nunca... Eu até tenho 43 anos nunca... não sei o que é uma sesta. Andam aí a dizer “Ó Pedrinho havias de descansar um bocado!” Eu não sei o que é uma sesta!

Sem tempo para descanso, Albino Pedrinho só foi à praia uma vez na vida:

– Eu fui à praia há... vai fazer agora dois anos para Agosto.

– Pela primeira vez?

– Pela primeira vez, sim! Fui mais a mulher, tratámos do gado, saí daqui de manhã, levámos um... um borrego... assámos aqui um borrego no forno... convidei aqui um casal, fomos dois casais... Fui de manhã e vim à noite, foi o único... Mas adorei... ir à praia... fui ali à Costa Nova, Aveiro... adorei... e depois na altura falei “Para o ano vimos outra vez ou daqui a...” mas nunca mais voltou esse dia. Já vai para dois anos, ainda não fui outra vez.

Até no dia do casamento o pastor ordenhou as vacas:

– Azar logo de manhã, faltou-me a luz no... onde... onde estava as vacas, não é... Lá vou, tropeço, bati no ferro, fiquei todo esmurrado aqui no nariz... então agarraram nas fotografias: todo esmurrado... Lá vou para o casamento, pronto, ordenhei as vacas, arrumei o gado. Depois fui ao casamento, à noite vim outra vez ordenhar as vacas. Já saí da vacaria naquele dia à meia-noite! E depois é que fomos descansar, não é... Mas pronto, não tive... foi a vida normal na mesma!

– Quer dizer, teve de sair do casamento para ir ordenhar...

– ...as vacas, foi...

– E a lua-de-mel, como é que foi?

– Foi na mesma, passada em... Dormi aqui na aldeia na mesma, tudo na mesma! É a vida, não é!?

Pedrinho nasceu e vive em Ribabelide, a segunda maior aldeia da freguesia de Bigorne:

– Esta aldeia aqui, havia aqui oitenta pessoas! Neste momento, de Inverno estou cá eu mais a esposa e o meu filho. De resto, não há aqui ninguém!

A freguesia já teve trezentos habitantes, hoje são quarenta e nove. Contando com os que estão fora, há cinquenta e dois eleitores recenseados em Bigorne, o que faz desta freguesia de Lamego a segunda mais pequena do país. Para além de pastor, Pedrinho é também o Presidente da Junta. Está no quarto mandato. Foi sempre escolhido como manda a lei.

Pág. 126

Na **Expressão Oral** solicita-se a apresentação de argumentos a favor e contra os tópicos seleccionados. Aconselha-se o trabalho prévio com os alunos sobre as estruturas abaixo listadas ou, então, a utilização deste quadro em termos de sistematização.

Recursos para desenvolver a argumentação

Apresentar a opinião/tese	Apresentar os argumentos	Apresentar os contra-argumentos	Apresentar a regra geral
<p>Enunciado assertivo</p> <p>Ex.: Viver na cidade permite uma melhor qualidade de vida.</p>	<p>Verbos: crer, pensar, julgar...</p> <p>Locuções: na minha opinião, no meu ponto de vista...</p> <p>Ex.: <u>Na minha opinião, creio</u> que viver na cidade permite uma melhor qualidade de vida.</p> <p>Verbos: aceitar, temer, rezear...</p> <p>Ex.: <u>Temo</u> que a minha opinião seja polémica, mas baseia-se em dados concretos.</p> <p>Verbos: reconhecer, admitir...</p> <p>Ex.: <u>Reconheço</u> que a minha teoria possa ser contestada, mas irei provar a sua validade.</p> <p>Expressões de acordo parcial prévias à contra-argumentação + contra-argumento</p>	<p>Locuções: embora, apesar de, há que recordar que, não é claro que...</p> <p>Ex.: <u>Apesar de</u> fora das cidades o acesso aos serviços essenciais ser mais rápido, <u>não é claro que</u> seja melhor viver fora delas.</p> <p>É evidente, é um facto, é claro (que + verbo no indicativo), mas, não obstante...</p> <p>Ex.: <u>É claro que</u> nas cidades há maior oferta de emprego; <u>não obstante</u>, há maior concorrência.</p>	<p>Ênfase na informação compartilhada.</p> <p>– Focalizadores: quanto a, em relação a, não esqueçamos que, lembremos que...</p> <p>Ex.: <u>Quanto à</u> importância das cidades, <u>não esqueçamos que</u> existem desde sempre.</p> <p>Expressões modais: como se demonstrou, como ficou evidente, como é óbvio...</p> <p>Ex.: <u>Como ficou evidente</u>, é mais atractivo viver na cidade.</p>

Pág. 127

No **Projecto**, solicita-se aos alunos que realizem uma reportagem sobre a sua cidade. Seguem-se informações complementares sobre o tipo de texto e as tarefas que deverão realizar.

O que é uma reportagem?

Um jornalista faz uma reportagem quando vai a um local onde ocorre um acontecimento importante e depois escreve sobre o que viu e ouviu. Para isso, fala com pessoas, observa o que se passa, investiga mais sobre o assunto e, a seguir, escreve um texto com toda a informação que recolheu.

Ao ler-se uma boa reportagem, vive-se o mesmo que o repórter viveu. A ideia é «transportar» o leitor até ao local onde o jornalista esteve ou até ao acontecimento que testemunhou. *Repórter* e *jornalista* são palavras praticamente sinónimas, em termos das tarefas que desempenham.

Um exemplo: numa notícia sobre as tuas férias, dizes o que fizeste, onde estiveste e durante quanto tempo; se for uma reportagem, contas o que se passou, descreves os locais, relatas o que as pessoas te disseram, o que sentiste; na realidade, contas uma história.

Como se prepara uma reportagem?

Antes de «partir para o terreno» (local onde vai fazer a reportagem), o repórter deve tentar saber o máximo sobre o sítio ou o assunto acerca do qual vai escrever. E como se consegue isso?

- Pesquisando em livros, jornais, revistas ou na Internet (ver «Dicas»).
- Entrevistando pessoas que vivam nesse sítio ou percebam do assunto.

«Dicas» de escrita que se aplicam a todos os géneros jornalísticos

- Não utilizar palavras «caras», que o leitor provavelmente não conhece. Quando tal é necessário (termos técnicos, por exemplo), ter o cuidado de dar uma explicação perceptível sobre o que a palavra quer dizer.
- Nunca copiar frases, textos ou ideias de outras pessoas sem citar a fonte, ou seja, sem assinalar de quem são.
- Atribuir os dados e as informações às fontes (às pessoas ou às instituições onde as recolhemos). Um exemplo: «A *Visão* vende cem mil exemplares por mês, segundo a empresa proprietária da revista.»
- Ter especial cuidado com a informação que se recolhe na Internet, pois pode não estar certa ou não ser verdadeira. É preciso confirmá-la em mais do que um *site* (ou noutra fonte, como um livro) ou ter a certeza de que aquele é credível.
- Escrever frases curtas e simples.
- Não fazer parágrafos demasiado longos.

Consultar e utilizar, a propósito deste trabalho solicitado aos alunos, os materiais disponibilizados nas páginas 60 a 63, na secção «Trabalho de Projecto: grelhas de observação/avaliação».

UNIDADE 9

Esta unidade faz a ponte com o texto literário e aquilo que o define enquanto tal. O trabalho proposto incide sobretudo no modo narrativo e nos seus elementos constitutivos.

As tarefas propostas passam pelo reconto e pela conclusão de uma história, incluindo ainda o género diarístico e a apresentação de livros.

Pág. 132

Transcrição do registo áudio: “TSF – Programa *Lendas & Calendas*”

áudio pág. 132 – faixa 19

TSF – Programa *Lendas & Calendas* (emitido em 29-10-2006) – O Galo de Barcelos**Era uma vez... um humilde peregrino...****O có-có-ró-có do galo assado – primeiro quadro**

Há muitos, muitos anos, seguia o pobre homem o trilho dos caminhos de Santiago de Compostela, queria lá chegar, ia pagar uma promessa, e isto de pagar promessas é coisa muito séria! Só que o percurso era, como ainda é hoje, longo e, sobretudo, penoso... Não admira que, a certa altura, se tenha ele quedado numa estalagem onde apenas pediu cama para dormir.

Ora, o estalajadeiro, comerciante experimentado, desconfiou de que algo não estava bem com o súbito hóspede e confirmou as suspeitas quando viu o peregrino abrir um farto farnel. Pois bem, o nosso estalajadeiro, ganancioso como só ele, decidiu-se por um gesto muito simples e terrível: chamou os guardas para que prendessem o hóspede e assim sucedeu...

O có-có-ró-có do galo assado – segundo quadro

Uma desgraça nunca vem só e o pobre peregrino nem sequer tinha quem o pudesse defender, ainda que certo de não ter praticado qualquer crime. A verdade é que o meteram numa masmorra imunda e logo, logo, naquele tempo a justiça era muito rápida, houve julgamento sumário com a respectiva sentença ditada por um bom *vivant* de um juiz. E a sentença era a morte por enforcamento.

O miserável peregrino de Santiago de Compostela bem procurava argumentar que não tinha feito nada, que pagara até adiantado o catre da esconsa estalagem e tudo o mais... Nada, nada, ninguém, e, muito menos, o juiz, tão zeloso, o queria ouvir... A sentença era para cumprir e depressa. Ponto final.

O có-có-ró-có do galo assado – terceiro quadro

Em desespero de causa, o prisioneiro rogou, rogou que o levassem à presença do juiz, na própria casa do magistrado. E levaram-no de mãos amarradas... Quando lá chegou, o que é que ele viu? Viu o dono da casa, em larga e ruidosa folgança, rodeado de amigos, certamente tão poderosos como ele, e em cima da mesa, fumegando, numa grande travessa de barro, o galo acabadinho de assar...

Ao ver aquilo, o pobre infeliz, condenado à morte, num gesto de puro desespero, lembrou-se apenas de, alto e bom som, deixar ali ditas, e bem ditas, como vamos ver, umas quantas palavras, que ele foi buscar, sabe-se lá onde:

– Tão certo eu estar inocente, senhor doutor juiz, tão certo este galo assado vai cantar na hora em que me enforcarem! (risos)

Querem saber o resultado da ousadia? (risos) Foi, como se calcula, este que ouvimos dos convivas daquele banquete...

O có-có-ró-có do galo assado – quadro número quatro

E lá foram os guardas para onde tinham vindo, com o preso bem seguro, levando na ideia o enforcamento iminente, mas não chegaram a ver uma segunda reacção dos participantes do lauto jantar em casa do juiz. É que, após as primeiras gargalhadas, cai lentamente um silêncio sobre as conversas e os ditos... E a verdade é esta: ninguém tocou no galo assado, não fosse o diabo tecê-las... Isto de peregrinos de Santiago com tanta fé, nunca se sabe...

Chega a hora do enforcamento, ou perto disso, já nem havia banquete ou coisa nenhuma, os convivas do juiz, por certo impressionados e temerosos, iam saindo um a um. Até que o magistrado fica sozinho, sentado à mesa e, na frente dele, o galo assado.

O có-có-ró-có do galo assado – quinto, e último, quadro

Foi quando, para espanto do dono da casa e de toda a criadagem, o fumegante galo assado se levanta da travessa de barro e:

– Có-có-ró-có-có!

Num repente, o malévolo juiz corre ao local do enforcamento. Já tinham passado ao pescoço do peregrino do Santiago a corda e era só tirarem-lhe o apoio dos pés:

– Libertem esse homem! Libertem esse homem!

Guardas e carrasco nem queriam acreditar mas a verdade, verdadinha, é que, sendo ali perto a casa do juiz, se ouvia muito bem, continuava a ouvir-se o canto contínuo do galaró assado. Tanto mais assustador, tenebroso, quanto o sinal de que a justiça havia sido reposta no devido lugar...

Diz a lenda que, por causa deste episódio, o galo de Barcelos ficou famoso e até, diz-se e é um facto real, andar espalhado pelos quatro cantos do mundo um símbolo de Portugal. O curioso da lenda é que, verdade ou não, ainda hoje se pode ver, mesmo na saída de Barcelinhos, uma estátua do senhor do galo, esculpida dentro de um nicho, no cimo de uma colina.

Moral da história: galo gordo não precisa de tempero...

Na **Expressão Oral** são solicitadas duas actividades de reconto. Sugere-se o trabalho prévio dos tópicos a seguir apresentados ou então, a sua utilização como sistematização após a actividade efectuada (fotocópia ou projecção, por exemplo).

RECONTO

Instruções gerais

Para realizares correctamente o reconto, presta atenção:

- à situação inicial (como começa a história);
- ao desenvolvimento da acção (como continua a história);
- à conclusão (como termina a história).

Observa ainda as características das personagens principais (aspectos físicos, personalidade, sentimentos).

Depois de escreveres o texto, revê a construção das frases e dos parágrafos, a ortografia, a pontuação, a sintaxe...

Operações → o que tenho de fazer	Crítérios de êxito → para que fique bem feito
1. Respeitar o que é pedido	1.1. Escrever o reconto do texto, seguindo o plano da história contada.
2. Organizar as ideias	2.1. Respeitar a estrutura: – situação inicial; – desenvolvimento da acção; – conclusão. 2.2. Manter as características das personagens principais. 2.3. Organizar as ideias em parágrafos diferentes.
3. Comunicar eficazmente	3.1. Não copiar frases do texto lido. 3.2. Substituir o vocabulário do texto lido por sinónimos. 3.3. Escrever sem erros de: – construção frásica; – pontuação; – ortografia. 3.4. Escrever legivelmente. 3.5. Apresentar correctamente o texto.

Pág. 138

Conhecimento explícito da língua – correcção dos exercícios:

Horizontais: 1. Eufemismo; 6. Comparação; 7. Personificação; 8. Hipérbole.

Verticais: 2. Ironia; 3. Metáfora; 4. Antítese; 5. Enumeração.

Pág. 141

Transcrição do registo áudio: “TSF – Programa *Lido e relido*”

áudio | pág. 141 – faixa 20

TSF – Programa *Lido e relido* (emitido em 26-3-2009) – Alice Vieira

– Pedem-lhe muitas vezes conselho, nas suas frequentes idas a escolas, quer as crianças quer pais e professores? Pedem-lhe conselho para orientar a leitura dos mais jovens?

– Pois às vezes pedem e eu não gosto muito de dar conselhos, sobretudo nesse tipo de orientar as leituras. Para já porque, e isto é uma coisa banal, mas é assim mesmo, cada jovem é um jovem, portanto não os conheço e, de qualquer maneira, porque eu tenho sempre muita dificuldade em dizer “Leiam isto e não leiam aquilo!”. Porque eu quando era criança, acho que devo a minha paixão pelos livros e pela escrita a livros muito maus que eu li quando era criança, mas que me fizeram muito bem, porque dava muita vontade de ler outros. Eram livros, enfim, que eram das minhas velhas tias, aqueles grandes romances que se chorava muito e eu ficava com muita vontade de ler mais e, pronto, fui lendo e fui lendo e li muito. E quando se lê muito chega-se a uma altura em que depois se faz uma escolha, não é!? Portanto, eu nunca... nós nunca sabemos que livro é que vai despoletar o gosto pela... pela leitura, não é!? Muitas vezes é um livro sem graça nenhuma, um livro mau, mas sabe-se lá porquê chegou até nós e deu-nos vontade de ler muito e

de ler mais. Portanto, eu tenho sempre muita dificuldade! É evidente que, se insistem comigo, lá vou dando umas orientações, mas digo sempre isso. Nunca digo, se a criança ou o jovem tem um livro na mão, nunca lhe digam “Não leias isso!” ou nunca digam “Isso é mau!”. Deixe-o ler, porque eu acho que um livro serve sempre para alguma coisa.

– O que é que orienta as suas leituras?

– Ah! Eu sou muito caótica nas minhas leituras! Não sou nada, para já não sou nada de ler o *best-seller* da altura. Sou capaz de ler o *best-seller* três anos depois de ele ter saído. Orienta muito as minhas leituras o facto de eu estar, por dever de ofício também, muito ligada a literatura mais estrangeira do que portuguesa, literatura mais até juvenil, não muito infantil, mas juvenil. Eu tenho na minha ideia fazer uma colecção de livros para jovens que tenham tido o prémio *Andresen* ou o prémio *Alma* que são os dois prémios mais importantes da literatura internacional para jovens. E, portanto, leio muito, muito... Neste momento leio muito uma escritora australiana...

– A Sonya Hartnett?

– A Sonya Hartnett, exactamente! Que infelizmente não está cá traduzida, nem sequer na edição original. Eu tive que mandar vir os livros para os ler e que é uma escritora fabulosa! De uma violência terrível, mas é uma escritora espantosa. E, portanto, leio muito... Portanto, fica pouco tempo para ler outras coisas... Mas de vez em quando leio outras coisas...

– Quando combinámos esta conversa disse justamente que andava a ler esta autora australiana que foi distinguida com...

– ... o prémio *Alma*.

– ... esse maior...

– Que é o prémio da Astrid Lindgren, *Alma é Astrid Lindgren Memorial Award*.

– Que é o maior prémio internacional de literatura juvenil...

– Já é maior do que o *Andresen*!

– E disse-me, sublinhando, que juvenil no sentido muito, mas muito, mas muito lato...

– Sim, porque não é um livro para se dar a crianças. Não é um livro sequer para adolescentes. É juvenil naquela fronteira que é difícil de marcar entre o que é jovem e o que já é adulto, não é!? Aquilo... Os anglo-saxónicos chamam muito a isso o jovem adulto, o *young adult*. E é mais realmente para esse... para esse tipo de leitores que ela escreve.

– Estava-lhe a perguntar pela... o que orienta as suas leituras e podíamos se calhar avançar já aqui para livros que descobriu recentemente.

– As minhas leituras normalmente orientam-se... isto uma maneira um bocadinho tonta mas é verdade... Eu como viajo muito e é... orientam-se mais no sentido de livros que eu posso levar comigo no comboio e não pesem muito na mala, pronto. E que tenham... já agora sejam de qualidade, lógico! E portanto é isso, estes dois de que eu lhe falei, portanto, *O Mundo* do Juan José Millás e o *Sinto Muito* do Nuno Lobo Antunes, que são muito diferentes, são livros... ambos sendo muito diferentes são livros de grande qualidade e que não pesam muito na mala.

– Começamos talvez aqui *pel’O Mundo*...

– ... Millás...

– ... pelo Millás, uma edição recente da *Planeta*. O que é que lhe agradou neste livro?

– Eu... Eu o Millás li-o porque conheci o Millás há pouco tempo nas *Correntes de Escrita*, na Póvoa, e foi assim uma presença que me agradou muito, o discurso dele. O livro, li-o logo nessa altura, é a descrição de uma infância, portanto, uma infância em Espanha, anos 40, difícil...

– ... com frio...

– ... e sobretudo o frio. Que é o que neste livro sobressai mais, a infância triste, uma infância muito dominada pelo medo do pai, pelo medo da mãe, pelo pouco amor, não é bem o medo, é o pouco amor que aquela criança vai tendo e o grande frio que ele sente, que é... Sente-se mesmo frio! Eu só me aconteceu

uma coisa parecida há muitos anos, quando li *A erva canta*, da Doris Lessing, e aí foi ao contrário, era um calor! Eu lia aquele livro, era um calor terrível! Aqui nós sentimos mesmo gelo, estamos muito gelados por dentro. É um frio que domina aquela infância, aquela vida mas é muito, muito bem escrito!

– Há assim alguma passagem do livro que queira...

– Pois, já que lhe falei do frio... exactamente... é uma passagem que ele diz: “No princípio foi o frio. Quem teve frio em pequeno terá frio para o resto da vida, porque o frio da infância nunca desaparece. Lembro-me do contacto com os lençóis gelados como mortalhas, quando me introduzia neles com os meus sessenta por cento de esqueleto, os meus trinta ou quarenta por cento de carne e os meus cinco por cento de pijama. Lembro-me da frieza das colheres, da frieza dos garfos até aquecerem com o contacto das mãos. Lembro-me da insensibilidade dos pés que pareciam duas próteses de gelo colocadas no extremo das mãos e lembro-me das frieiras, Santo Deus, as frieiras que começavam a fazer comichão no meio de uma aula de Francês ou de Matemática. E lembro-me que se caíamos na tentação de nos coçar, sentíamos um alívio imediato, mas logo a seguir respondiam ao estímulo, multiplicando a sensação de prurido. Lembro-me que aprendi esta palavra, prurido, numa idade absurda ao ler nos prospectos daqueles cremes que não serviam para nada. Lembro-me, sobretudo, que o frio não vinha de nenhum lugar, pelo que também não havia maneira de o deter.”

Pág. 142

Leitura: sugere-se a leitura integral do conto (facultado posteriormente em fotocópia) e o confronto do desenlace do mesmo com as produções escritas dos alunos.

O cágado

Havia um homem que era muito senhor da sua vontade. Andava às vezes sozinho pelas estradas a passear. Por uma dessas vezes viu no meio da estrada um animal que parecia não vir a propósito – um cágado.

O homem era muito senhor da sua vontade, nunca tinha visto um cágado; contudo, agora estava a acreditar. Acercou-se mais e viu com os olhos da cara que aquilo era, na verdade, o tal cágado da zoologia.

O homem que era muito senhor da sua vontade ficou radiante, já tinha novidades para contar ao almoço, e deitou a correr para casa. A meio caminho pensou que a família era capaz de não aceitar a novidade por não trazer o cágado com ele, e parou de repente. Como era muito senhor da sua vontade, não poderia suportar que a família imaginasse que aquilo do cágado era história dele, e voltou atrás. Quando chegou perto do tal sítio, o cágado, que já tinha desconfiado da primeira vez, enfiou buraco abaixo como quem não quer a coisa.

O homem que era muito senhor da sua vontade pôs-se a espreitar para dentro e depois de muito espreitar não conseguiu ver senão o que se pode ver para dentro dos buracos, isto é, muito escuro. Do cágado, nada. Meteu a mão com cautela e nada; a seguir até ao cotovelo e nada; por fim o braço todo e nada. Tinham sido experimentadas todas as cautelas e os recursos naturais de que um homem dispõe até ao comprimento do braço e nada.

Então foi buscar auxílio a uma vara compridíssima, que nem é habitual em varas haver assim tão compridas, enfiou-a pelo buraco abaixo, mas o cágado morava ainda muito mais lá para o fundo. Quando largou a vara, ela foi por ali abaixo, exactamente como uma vara perdida.

Depois de estudar novas maneiras, a ofensiva ficou de facto submetida a nova orientação. Havia um grande tanque de lavadeiras a dois passos e ao lado do tanque estava um bom balde dos maiores que há. Mergulhou o balde no tanque e, cheio até mais não, despejou-o inteiro para dentro do buraco do cágado. Um balde só já ele sabia que não bastava, nem dez, mas quando chegou a noventa e oito baldes e que já faltavam só dois para cem e que a água não havia meio de vir ao de cima, o homem que era muito senhor da sua vontade pôs-se a pensar em todas as espécies de buracos que possa haver.

– E se eu dissesse à minha família que tinha visto o cágado? – pensava para si o homem que era muito senhor da sua vontade. Mas não! Toda a gente pode pensar assim menos eu, que sou muito senhor da minha vontade.

O maldito sol também não ajudava nada. Talvez que fosse melhor não dizer nada do cágado ao almoço. A pensar se sim ou não, os passos dirigiam-se involuntariamente para as horas de almoçar.

– Já não se trata de eu ser um incompreendido com a história do cágado, não; agora trata-se apenas da minha força de vontade. É a minha força de vontade que está em prova, esta é a ocasião propícia, não percam tempo! Nada de fraquezas!

Ao lado do buraco havia uma pá de ferro, destas dos trabalhadores rurais. Pegou na pá e pôs-se a desfazer o buraco. A primeira pazada de terra, a segunda, a terceira, e era uma maravilha contemplar aquela majestosa visibilidade que punha os nossos olhos em presença do mais eficaz testemunho da tenacidade, depois dos antigos. Na verdade, de cada vez que enfiava a pá na terra, com fé, com robustez, e sem outras intenções a mais, via-se perfeitamente que estava ali uma vontade inteira; e ainda que seja cientificamente impossível que a terra rachasse de cada vez que ele lhe metia a pá, contudo era indiscutivelmente esta a impressão que lhe dava. Ah, não! Não era um vulgar trabalhador rural. Via-se perfeitamente que era alguém muito senhor da sua vontade e que estava por ali por acaso, por imposição própria, contrafeito, por necessidade do espírito, por outras razões diferentes das dos trabalhadores rurais, no cumprimento de um dever, um dever importante, uma questão de vida ou de morte – a vontade.

Já estava na nonagésima pazada de terra; sem afrouxar, com o mesmo ímpeto da inicial, foi completamente indiferente por um almoço a menos. Fosse ou não por um cágado, a humanidade iria ver solidificada a vontade de um homem.

A mil metros de profundidade a pino, o homem que era muito senhor da sua vontade foi surpreendido por dolorosa dúvida – já não tinha nem a certeza se era a quinquagésima milionésima octogésima quarta. Era impossível recomeçar, mais valia perder uma pazada.

Até ali não havia indícios nem da passagem da vara, da água ou do cágado. Tudo fazia crer que se tratava de um buraco supérfluo; contudo, o homem era muito senhor da sua vontade, sabia que tinha de haver-se de frente com todas as más impressões. De facto, se aquela tarefa não houvesse de ser árdua e difícil, também a vontade não podia resultar superlativamente dura e preciosa.

Todas as noções de tempo e de espaço, e as outras noções pelas quais um homem constata o quotidiano, foram todas uma por uma dispensadas de participar no esburacamento. Agora, que os músculos disciplinados num ritmo único estavam feitos ao que se quer pedir, eram desnecessários todos os raciocínios e outros arabescos cerebrais, não havia outra necessidade além da dos próprios músculos.

Umás vezes a terra era mais capaz de se deixar furar por causa das grandes camadas de areia e de lama; todavia, estas facilidades ficavam bem subtraídas quando acontecia ser a altura de atravessar uma dessas rochas gigantescas que há no subsolo. Sem incitamento nem estímulo possível por aquelas paragens, é absolutamente indispensável recordar a decisão com que o homem muito senhor da sua vontade pegou ao princípio na pá do trabalhador rural para justificarmos a intensidade e a duração desta perseverança. Inclusive, a própria descoberta do centro da Terra, que tão bem podia servir de regozijo ao que se aventura pelas entranhas do nosso planeta, passou infelizmente despercebida ao homem que era muito senhor da sua vontade. O buraco do cágado era efectivamente interminável. Por mais que se avançasse, o buraco continuava ainda e sempre. Só assim se explica ser tão rara a presença de cágados à superfície devido à extensão dos corredores desde a porta da rua até aos aposentos propriamente ditos.

Entretanto, cá em cima na terra, a família do homem que era muito senhor da sua vontade, tendo começado por o ter dado por desaparecido, optara, por último, pelo luto carregado, não consentindo a entrada no quarto onde ele costumava dormir todas as noites.

Até que uma vez, quando ele já não acreditava no fim das covas, já não havia, de facto, mais continuação daquele buraco, parava exactamente ali, sem apoteose, sem comemoração, sem vitória, exactamente como um simples buraco de estrada onde se vê o fundo ao sol. Enfim, naquele sítio nem a revolta servia para nada. Caindo em si, o homem que era muito senhor da sua vontade pediu-lhe decisões, novas decisões, outras; mas ali não havia nada a fazer, tinha esquecido tudo, estava despejado de todas as coisas, só lhe restava

saber cavar com uma pá. Tinha, sobretudo, muito sono, lembrou-se da cama com lençóis, travesseiro e almofada fofa, tão longe! Maldita pá! O cágado! E deu com a pá com força no fundo da cova. Mas a pá safou-se-lhe das mãos e foi mais fundo do que ele supunha, deixando uma greta aberta por onde entrava uma coisa de que ele já se tinha esquecido há muito – a luz do sol. A primeira sensação foi de alegria, mas durou apenas três segundos, a segunda foi de assombro: teria na verdade furado a Terra de lado a lado?

Para se certificar alargou a greta com as unhas e espreitou para fora. Era um país estrangeiro; homens, mulheres, árvores, montes e casas tinham outras proporções diferentes das que ele tinha na memória. O sol também não era o mesmo, não era amarelo, era de cobre cheio de azebre e fazia barulho nos reflexos. Mas a sensação mais estranha ainda estava para vir: foi que, quando quis sair da cova, julgava que ficava em pé em cima do chão como os habitantes daquele país estrangeiro, mas a verdade é que a única maneira de poder ver as coisas naturalmente era pondo-se de pernas para o ar...

Como tinha muita sede, resolveu ir beber água ali ao pé e teve de ir de mãos no chão e o corpo a fazer o pino, porque de pé subia-lhe o sangue à cabeça. Então, começou a ver que não tinha nada a esperar daquele país onde nem sequer se falava com a boca, falava-se com o nariz.

Vieram-lhe de uma vez todas as saudades da casa, da família e do quarto de dormir. Felizmente estava aberto o caminho até casa, fora ele próprio quem o abria com uma pá de ferro. Resolveu-se. Começou a andar o buraco todo ao contrário. Andou, andou, andou; subiu, subiu, subiu...

Quando chegou cá acima, ao lado do buraco estava uma coisa que não havia antigamente – o maior monte da Europa, feito por ele, aos poucochinhos, às pazadas de terra, uma por uma, até ficar enorme, colossal, sem querer, o maior monte da Europa.

Este monte não deixava ver nem a cidade onde estava a casa da família, nem a estrada que dava para a cidade, nem os arredores da cidade que faziam um belo panorama. O monte estava por cima disto tudo e de muito mais.

O homem que era muito senhor da sua vontade estava cansadíssimo por ter feito duas vezes o diâmetro da Terra. Apetecia-lhe dormir na sua querida cama, mas para isso era necessário tirar aquele monte maior da Europa, de cima da cidade, onde estava a casa da sua família. Então, foi buscar outra pá dos trabalhadores rurais e começou logo a desfazer o monte maior da Europa. Foi restituindo à Terra, uma por uma, todas as pazadas com que a tinha esburacado de lado a lado. Começavam já a aparecer as cruces das torres, os telhados das casas, os cumes dos montes naturais, a casa da sua família, muita gente suja de terra, por ter estado soterrada, outros que ficaram aleijados, e o resto como dantes.

O homem que era muito senhor da sua vontade já podia entrar em casa para descansar, mas quis mais, quis restituir à Terra todas as pazadas, todas. Faltavam poucas, algumas dúzias apenas. Já agora valia a pena fazer tudo bem até ao fim. Quando já era a última pazada de terra que ele ia meter no buraco, portanto a primeira que ele tinha tirado ao princípio, reparou que o torrão estava a mexer por si, sem ninguém lhe tocar; curioso, quis ver porque era – era o cágado.

Almada Negreiros, "O Cágado", in *Revista ABC*, n.º 51, 30 de Junho de 1921

Pág. 143

Audição do conto disponível no CD Áudio – faixa 21.

Pág. 144

Na **Expressão Escrita**, solicita-se a reescrita de um conto tradicional. Disponibilizar ao aluno o guião de produção escrita (disponível na página 50).

Confrontar igualmente na página 50, em «Expressão Escrita – Guiões e grelhas de Observação», com a lista de verificação do conto.

Outras sugestões

São inúmeras as actividades que se podem imaginar para desencadear o processo de escrita criativa. Eis algumas que estão pensadas para trabalhar vários aspectos do texto narrativo ou até questões de funcionamento da língua.

• Acção

Lê o excerto que te é apresentado e imagina uma continuação para a história:

“No carro, subitamente atingido pela angústia, quer voltar para trás. A mulher não percebe. Se iam ao supermercado. “Achas que vai estar demasiada gente?”, pergunta ela. Não responde, acelera.”

Pedro Paixão, *Viver todos os dias cansa*, Livros Quetzal

Nota – depois desta actividade, poder-se-ão confrontar os textos imaginados com o original.

• Personagens

Escreve a história do Capuchinho Vermelho numa versão em que este tem as seguintes características:

→ sexo masculino → 12 anos de idade → exímio praticante de artes marciais.

• Espaço (físico ou/e social)

Procede à descrição de um dia na vida de João Maria, um rapaz da tua idade que vive no seio de uma família abastada de Cascais e depois faz o mesmo para o Tó Zé, que mora no Bairro Padre Cruz e ajuda o pai na construção civil.

• Tempo

- Redige um pequeno texto de cerca de 20 linhas onde irás descrever os 3 primeiros minutos do dia de hoje.
- Redige agora um texto de cerca de 20 linhas onde irás contar os últimos 3 anos da tua vida.

• Modos de expressão / Modos de representação

Lê o excerto apresentado, que é uma descrição:

Rosalinda era mulher retaguarda, fornecida de assento. Senhora de muita polpa, carnes aquém e além roupa. Sofria de tanto volume que se sentava no próprio peso, superlativa. Já fora esbelta, dessas mulheres que explicam o amor. Magreza sucedida em seus tempos. Pois que, desde que enviuvou, ela se desentretou, esquecida de ser.

Rosalinda, agora, se cansava de tanta hora: mascava mulala, enrolando a saliva-laranja. As mulheres gordas não zangam com a vida: fazem lembrar os bois que nunca esperam tragédias.

Mia Couto, “Rosalinda, a Nenhuma” in *Cada homem é uma raça*, Editora Caminho

- Faz agora a descrição de um colega da tua turma e, sem indicar a identidade do mesmo, lê o texto na aula. A partir da tua leitura, os outros colegas tentarão adivinhar de quem se trata.
- Inclui ou acrescenta ao texto apresentado um diálogo entre Rosalinda e o Dr. Tallon, que se propõe fazê-la emagrecer.

UNIDADE 10

Nesta unidade são sistematizados os modos literários. Concomitantemente, é trabalhada a leitura expressiva de textos literários (poemas e textos dramáticos).

Pág. 150

Transcrição do registo áudio: “TSF – Programa *Pessoal & transmissível*”

áudio pág. 150 – faixa 22

TSF – Programa *Pessoal & transmissível* (emitido em 2-5-2007) – José Luís Peixoto

– Como é que nasceu o seu interesse e a sua vocação literária? Tem um momento zero desse parto literário?

– Sim, eu lembro-me perfeitamente do meu primeiro poema, que é o primeiro texto que escrevi...

– Sabe-o de cor?

– Não, não! Não sei nenhuma... nem tenho, infelizmente, embora gostasse... mas não tenho esse poema mas...

– Então, perdeu-se?!

– Perdeu-se! Mas lembro-me exactamente de o ter escrito no meu quarto no Alentejo.

– E era sobre quê?

– Ah era... era alguma coisa que teria que ver com alguma paixão assolapada que estivesse a viver na altura mas, pronto, colocada de uma maneira mais ou menos vaga. Penso que seria uma coisa... e abstracta... Deveria ser assim algo abstracto...

– Aqui há tempos li que o facto de ser adepto da chamada música pesada foi indirectamente responsável pela descoberta da escrita: de que modo?

– Pode... Eu não creio que tenha sido responsável na descoberta da escrita, foi...

– Sei que havia quem o olhasse com um bocadinho de desconfiança, um bocadinho de lado e que isso levou a um certo isolamento...

– Ah, sim! Sim, sim, sim...

– ... e que o isolamento o acabou, por sua vez, por o empurrar para a leitura...

– Nessa medida, sim! Completamente, sim... Eu estava a pensar que teve muita influência no desenvolvimento, não é? Eu na altura comecei a escrever porque lia. Posso ter começado a ler também muito por... por ser diferente...

– Exclusão?

– Claro! E por me sentir diferente... Também era... eram os anos quentes da adolescência, digamos assim, e por isso também era normal que tivesse esses sentimentos. Mas eu, na verdade, sentia-me um pouco diferente e ouvia esse tipo de música que na altura, ali, naquela área, havia mais duas ou três pessoas que ouviam, e comecei a ler também, contrariando um pouco aquilo que era as coisas que os rapazes da minha idade faziam.

– Jogar à bola, por exemplo?

– Sim! Eu também jogava à bola, na verdade, mas... e fazia grande parte das coisas que todos os outros faziam... No entanto, lembro-me, por exemplo, de numa época em que o país parava verdadeiramente para ver a telenovela, em que não se via ninguém nas ruas na hora da telenovela, eu conscientemente utilizava esse tempo para ler, sempre! E a leitura é que me levou verdadeiramente à escrita! No entanto não deixa

de ser verdade essa situação da música pesada contribuir e dessa minha preferência contribuir para um clima em que a leitura se encaixava...

– Para cultivar a diferença também?

– Sim... Sim...

– O que chegou primeiro? A leitura, a literatura ou os *Hipocondríacos*?

– Na verdade, os *Hipocondríacos* que era essa... era uma banda...

– Uma banda de... *punk metal*?

– Sim... Sim... Nós chamávamos *hardcore grindcore*. Essa banda, pronto, surgiu um pouco mais tarde agora o gosto pela música pesada surgiu muito cedo.

– O que é que tocava nessa banda?

– Tocava guitarra o que também fala...

– Ainda tem guitarra hoje?

– Não tenho...

– Fala o quê?

– Não tenho...

– Fala muito pouco sobre a música que faziam...

– Exacto! Exprime um pouco também a qualidade da música porque realmente ainda hoje não sei tocar guitarra.

– Continua a escrever hoje ao som do *heavy-metal*?

– Sim, em muitas ocasiões, sim! Eu gosto muito de escrever com música... Num espaço tranquilo mas com música... E muitas vezes com música pesada... Que para mim não... não tem a agressividade que para outras pessoas pode ter... Porque a envolvo de uma série de recordações e de uma... pronto e tenho uma vivência desse tipo de música que possivelmente é diferente da da maioria das pessoas.

– Música pesada para uma escrita também nem sempre leve. Depois de mais um curto intervalo voltamos com José Luís Peixoto e as afinidades electivas.

Audição do “Poema de Helena Lanari” disponível no CD Áudio – faixa 23.

Págs. 150, 151, 152, 155 e 157

Na **Expressão Oral** é solicitada a recitação de poemas e a leitura dramatizada de textos. Seguem-se algumas sugestões para trabalhar este desempenho com os alunos.

Preparar uma leitura em voz alta

→ Nunca leias em voz alta um texto que não leste previamente.

→ Antes de o leres em voz alta, lê-o silenciosamente ou a um(a) amigo(a), para praticares.

ou

→ Grava a tua primeira leitura sem preparação e uma segunda, com preparação; compara depois ambas e reflecte sobre as diferenças, sobre o que resulta e o que não deves repetir.

→ Se o texto contiver palavras que desconheces, anota-as e procura saber o que significam.

→ Se se tratar de uma narrativa, procura saber quais são as personagens e o enredo da história.

→ Atenta no grafismo do texto (diálogos, por exemplo, ou estrofes, na poesia), pois existe uma relação entre a disposição gráfica e o sentido.

- Usa marcadores de cores diferentes para marcar diferentes aspectos, criando um código que te oriente quando estiveres a ler em voz alta (por exemplo, para diferenciar personagens ou para marcar entoações).

Técnicas de leitura expressiva

- Varia o teu ritmo de leitura (mais lento, mais rápido, ansioso, pausado...), para reflectires variações emotivas que o texto sugere.
- Varia igualmente o volume (alto/baixo) da tua voz.
- Destaca as palavras-chave de cada frase ou verso (verbos, nomes, adjectivos, advérbios, conjunções e preposições).
- Pronuncia claramente as vogais.
- Respeita os sinais de pontuação que encontrares, fazendo pausas, exclamações, suspensões de discurso ou elevando a voz no final das perguntas.
- Usa vozes diferentes, quando tal for apropriado.
- Ajusta a entoação ao que estás a ler.
- Lê de forma a permitir que os outros formem imagens mentais do que estás a ler.

Pág. 151

Audição do poema “Amor é fogo que arde sem se ver” disponível no CD Áudio – faixa 24.

Na Expressão Escrita pede-se a elaboração de um texto pessoal. Sugere-se o trabalho prévio com os alunos sobre as questões a seguir elencadas.

Escrever textos por iniciativa própria

A polémica em torno dos cursos de escrita criativa está viciada à partida. Só um insensato diria que estes “cursos” formavam escritores. É evidente que não: uma voz e uma visão do mundo pessoais só o próprio as pode encontrar. O que a “escrita criativa” pode é ajudar uma pessoa a fazer o seu percurso, confrontando-a com obstáculos vários, obrigando-a a puxar pela cabeça e... pela caneta.

O milagre da escrita é ser baixa tecnologia: caneta, papel e... o resto é grátis. Por resto entende-se tudo: a experiência de vida, a sensibilidade, as desgraças, os sonhos, os amores, humores e desamores. Podíamos chamar a estes cursos “aeróbica de Deus”, mas a expressão já tem *copyright* do Padre Rossi. E no entanto, a ideia é essa: escrever para melhor ler, ler para melhor escrever. Ler & escrever para nos aproximarmos do que não pode, não quer ou não sabe ser dito.

Rui Zink

Pág. 154

Transcrição do registo áudio: “TSF – Programa *Pessoal & transmissível*”

áudio pág. 155 – faixa 25

TSF – Programa *Pessoal & transmissível* (emitido em 23-1-2007) – Beatriz Batarda

- Essa memória teve algum papel no facto de vir mais tarde a querer ser actriz?
- Não, nenhum! E nem a participação depois no filme do João Botelho...

- Também não foi importante esse... Foi aos doze, treze anos, se não me engano...
- Aos doze anos, sim! Quer dizer, foi importante depois, mas quando fiz não despertou nessa altura curiosidade nenhuma e depois...
- Nem a marcou a experiência?
- Sim, marcou, naturalmente foi fortíssima mas não...
- Tempos difíceis?!
- Tempos difíceis, exactamente... E era um filme com a Inês de Medeiros e... a Isabel Ruth mas eu depois desse filme interessei-me, sim, pelos grupos de teatro na escola no Liceu Francês e depois no Liceu Camões e assim comecei também a... a fazer um bocadinho de teatro. Mas nunca foi uma profissão que eu considerasse, a realidade é essa...
- Porquê? Por que é que não a levava a sério ou não a achava importante para si?
- Pois, eu acho que não levava a sério, acho que desde essa altura, já nessa altura eu achava que era um tipo de profissão que era preciso ser-se muito bom e não... nunca me teria ocorrido...
- Ainda pensa isso hoje?
- Sim, mas... se calhar naquela altura não pensava que talvez estivesse à altura disso e agora já tenho tido algumas... pronto, *feedback*, não é? Alguns *feedback* que talvez valha a pena mas...
- Na adolescência era mais para o extrovertido do que para o tímido?!
- Sim, na adolescência sim...
- Concluo isto porque foi delegada de turma e era muito interventiva e tudo isso...
- Pois, na adolescência era um bocadinho mais do contra, lá está: rabugenta, provocadora, rebelde, irritante...
- Serve para lhe perguntar se essas características fazem parte da sua forma de ser actriz?
- Mas sabe, Carlos, eu não sou uma pessoa extrovertida?
- Já não é?
- Nunca fui! Mesmo na...
- Mas nessa altura também não era?
- Mesmo na adolescência isso foi um mecanismo que eu desenvolvi de sobrevivência. São mecanismos que as pessoas desenvolvem ou ficam armadilhadas na sua timidez, não é, e na sua insegurança ou atiram-se para a frente e, se calhar, a minha personalidade levou-me para aí. Comecei a tomar... a defender... bom, eu tinha a mania que defendia os outros, que defendia... revoltava-me muito certo tipo de injustiças e, nomeadamente, a minha própria timidez também era uma grande armadilha que me deixava presa nessas injustiças...
- Era do género militante?
- Não cheguei a tal!
- Rapariga de causas?
- Não, não cheguei a tal. Era mais pelas pessoas por quem eu tinha afecto e ligação imediata. Nunca fui de me envolver com causas mais idealistas ou distantes talvez por algum desencanto que me foi transmitido pela minha mãe, que foi uma mulher politicamente mais activa: durante o 25 de Abril, antes, etc.

Pág. 155

Audição da cena disponível no CD Áudio – faixa 26.

Expressão escrita: guiões/grelhas de avaliação

1. Texto de opinião

Guião

O QUE É UM TEXTO DE OPINIÃO?
<ul style="list-style-type: none"> • É um texto que apresenta uma opinião pessoal sobre um determinado assunto. • Fornece dados e elementos úteis para que a problemática em questão possa ser entendida por quem o lê. • Pode constituir-se como: <ul style="list-style-type: none"> – a expressão de uma certeza, dúvida ou opinião; – a justificação de uma opinião; – o desenvolvimento de um ponto de vista.
COMO SE ESTRUTURA UM TEXTO DE OPINIÃO?
<ul style="list-style-type: none"> • Introdução: <ul style="list-style-type: none"> – coloca a questão (de que se trata?); – situa a questão no contexto para que possa ser entendida (quais os pontos a focar?). (deve ser curta; um parágrafo, aproximadamente) • Desenvolvimento: <ul style="list-style-type: none"> – pode incluir a demonstração, descrição e caracterização da questão; – pode apresentar as diversas facetas do assunto; – apresenta a opinião como resultado dos dados fornecidos. (deve ser mais extenso; deve apresentar uma ideia/argumento por parágrafo) • Conclusão: <ul style="list-style-type: none"> – sintetiza os principais tópicos focados; – reforça o ponto de vista apresentado, a opinião pessoal de forma persuasiva. (deve dar resposta à questão apresentada na introdução; um a dois parágrafos, aproximadamente)

Lista de verificação do texto de opinião

PARÂMETROS	SIM	NÃO
Introdução:		
– Expus claramente a minha opinião.		
– É clara e breve.		
Corpo do texto:		
– Usei argumentos para fundamentar a minha opinião.		
– Ilustrei a minha opinião com dados objectivos e exemplos.		
Conclusão:		
– Resumi os argumentos usados e reforcei a minha opinião.		
– Acabei com uma frase lapidar ou citação.		

PARÂMETROS	SIM	NÃO
Lógica do texto:		
– A questão tratada no desenvolvimento do texto é a que figura da introdução.		
– As etapas do meu raciocínio interligam-se através de conectivos.		
– As minhas opiniões estão sempre justificadas.		
Aspectos formais do texto:		
– Destaquei bem os parágrafos.		
– Cuidei da correcção ortográfica.		
– Usei vocabulário adequado e diversificado.		
– Escrevi frases bem estruturadas.		

2. Notícia

Lista de verificação da notícia

PARÂMETROS	SIM	NÃO
A notícia é breve, sem informação acessória		
A notícia é clara, não suscitando dificuldades de compreensão		
No 1.º parágrafo são respondidas a perguntas:		
– Quem?		
– O quê?		
– Onde?		
– Quando?		
Nos restantes parágrafos são respondidas as perguntas:		
– Porquê?		
– Como?		
A notícia apresenta correcção ortográfica e sintáctica		

3. Resumo

Lista de verificação do resumo

PARÂMETROS	SIM	NÃO
Antes de elaborar o resumo:		
– Fiz uma leitura atenta do texto a resumir.		
– Identifiquei as ideias essenciais.		
– Seleccionei os factos principais.		
– Ordenei os factos.		
Ao elaborar o resumo:		
– Respeitei a sequência do texto original.		
– Realizei a contracção efectiva do texto-base (omiti os aspectos secundários).		
– Excluí transcrições.		
– Apresentei o texto sempre em discurso indirecto.		
– Usei tempos verbais, determinantes e pronomes na 3.ª pessoa.		
– Considerei as mudanças de advérbios (agora/então; hoje/naquele dia; ontem/no dia anterior; aqui/ali; cá/lá...).		
– Encadeei logicamente as ideias.		
– Cuidei da correcção ortográfica.		

4. Conto

Lista de verificação do conto

PARÂMETROS	SIM	NÃO
Atribui um título ao conto.		
Na situação inicial:		
– apresentei as personagens;		
– referi o espaço;		
– referi o tempo.		
No acontecimento perturbador:		
– Explícitei que certo dia aconteceu algo que veio alterar a situação inicial.		
– Seguidamente, imaginei uma série de peripécias.		
– Criei peripécias que são consequência do acontecimento perturbador.		
– As peripécias têm lógica/coerência entre si.		
Na situação final:		
– Há uma transformação e um novo equilíbrio.		
– Criei um final feliz.		
Quanto aos aspectos formais do texto:		
– Destaquei os vários parágrafos.		
– Usei conectivos para interligar as ideias.		
– Cuidei da correcção ortográfica e sintáctica.		

5. Texto narrativo

Guião de produção escrita

PLANIFICAÇÃO	ORGANIZAÇÃO	COMUNICAÇÃO EFICAZ
<p>Escolho:</p> <ul style="list-style-type: none"> – <u>para quem</u> vou escrever; – <u>quem</u> conta: <ul style="list-style-type: none"> • eu; • uma personagem; – <u>a história</u> que vai ser contada; – <u>as personagens</u> que a história vai ter; – <u>os lugares</u> onde a história se vai passar; – <u>o tempo</u> (passado, presente, futuro). 	<ul style="list-style-type: none"> – Escolho um <u>título</u>. – Escrevo uma <u>introdução</u>. – Crio o <u>desenvolvimento</u> da história: a certa altura algo se passa e vários acontecimentos se sucedem. – Elaboro uma <u>conclusão</u> para a narrativa. 	<ul style="list-style-type: none"> – Utilizo o presente ou o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito. – Uso a 1.^a ou a 3.^a pessoas. – Evito as <u>repetições</u>. – Consulto o <u>dicionário</u> quando tenho dúvidas. – Presto atenção aos <u>sinais de pontuação</u>. – Presto atenção à <u>ortografia</u>. – <u>Releio o texto</u>, usando esta ficha para o avaliar.

Grelhas de avaliação (para o professor)

1. Expressão escrita

Aluno: Ano:	N.º: Turma:			
PARÂMETROS		Sempre	Às vezes	Nunca
Escreve com facilidade sobre temas: – livres; – sugeridos; – impostos.				
Utiliza um registo adequado.				
Evita repetições.				
Constrói a mensagem com: – coerência; – correcção; – propriedade; – elegância.				
Apresenta os seus textos com: – limpeza; – caligrafia legível.				
Atenta na: – ortografia; – pontuação.				
Adequa a mensagem à intenção comunicativa: – de informação; – de persuasão; – reflexão.				
Adequa a mensagem à sua função de: – argumentação; – narração; – descrição; – diálogo.				
Deduz, pelo contexto, o significado de vocabulário desconhecido.				
Realiza várias versões de uma redacção.				
Complementa o texto escrito com: – desenhos; – fotografias; – gráficos; – esquemas; – notas.				

Aluno: Ano:		N.º: Turma:		
PARÂMETROS		Sempre	Às vezes	Nunca
Domina o uso de:				
– margens;				
– sublinhados;				
– aspas;				
– parênteses.				
Preenche correctamente impressos.				
Expressa, de maneira diferente, a mesma mensagem:				
– em texto narrativo;				
– em diário;				
– em carta;				
– em poesia;				
– em texto de opinião;				
– outro.				
Revela um estilo de escrita pessoal.				
Estrutura correctamente:				
– histórias;				
– temas;				
– argumentos.				
Usa a comunicação escrita como meio para:				
– criar;				
– sugerir;				
– dar opinião;				
– informar;				
– reflectir;				
– questionar;				
– outros.				
Expressa-se por escrito com eficácia:				
– individualmente;				
– em grupo.				

Expressão oral: guiões/grelhas de avaliação

Guião

Exposição oral

Para preparares uma intervenção oral sobre um tema à tua escolha, deves ter alguns aspectos em consideração:

A. As questões em que deves pensar antes da comunicação

O assunto

1. De que vou falar?
2. Que ideia principal devo transmitir?
3. Como tornar mais agradável aquilo que vou dizer (exemplos, frases de impacto, metáforas, etc.)?

O ambiente

1. Onde vou fazer a minha intervenção (aspectos relacionados com a posição das mesas, com a disposição da sala, etc.)?
2. De que suportes disponho (quadro, vídeo, videoprojector, etc.)?

O tempo

1. Qual a duração prevista?
2. Qual a duração necessária?

O público

1. Qual a dimensão do grupo?
2. Qual o nível previsível de conhecimentos dos participantes sobre este assunto?

B. Os suportes visuais

Uma boa dinâmica passa por uma correcta utilização dos suportes audiovisuais. O suporte deve ajudar-te a falar e ajudar o público a compreender. Devem constituir um complemento e não ser uma substituição da tua intervenção. Devem poder ser lidos/vistos por toda a gente.

Utiliza suportes claros e esquemáticos, em pequena quantidade, e nunca percas o contacto com o público. Não cometas o erro de utilizar suportes com os quais não sabes trabalhar bem: familiariza-te antecipadamente com o material que vais utilizar.

Grelhas de avaliação (para o professor)

Avaliação da exposição oral

Título:		Data:			
Aluno:		N.º	Ano:	Turma:	
Parâmetros		Muito	Razoavelmente	Pouco	Nada
Título	• sugestivo				
	• motivador				
	• preciso				
	• apropriado				
Discurso	• fluido				
	• natural				
	• artificial				
	• monótono				
	• redundante				
	• elegante				
	• expressivo				
	• claro				
	• lógico				
Linguagem corporal	• natural				
	• rígida				
	• excessiva				
	• pobre				
	• adequada				
Articulação do discurso	• nítida				
	• deficiente				
	• confusa				
	• correcta				
Ritmo	• adequado				
	• rápido				
	• lento				
	• desigual				
	• vivo				
Entoação	• enfática				
	• natural				
	• modulada				
	• forçada				
	• monocórdica				
Volume	• adequado				
	• alto				
	• baixo				

Hetero-avaliação da expressão oral

Ficha-modelo para distribuir aos alunos para avaliarem os colegas que expõem (pode ser adaptada em função das necessidades e especificidades das exposições). Dar uma ficha a cada aluno, para cada colega. No final da exposição devem ser entregues a quem fez a exposição, que ficará assim a saber a opinião da turma sobre o seu desempenho.

NOTA: 2 é a pontuação máxima, 0 a mínima.

NOME DO ORADOR:							
ASPECTOS A OBSERVAR	2 pontos	X	1 ponto	X	0 pontos	X	Total
Documentação	Boa e organizada		Algum interesse e desorganizada		Desordenada e sem interesse		
Ideias essenciais	Muito claras		Pouco claras		Confusas		
Estruturação e fluidez do discurso	Boa		Razoável		Fraca		
Vocabulário, frases	Apropriado		Aceitável		Pobre e impreciso		
Voz, entoação, gestos	Adequados		Pouco expressivos		Monocórdicos e inexpressivos		
Impressão geral	Sereno, seguro de si e domínio do tema		Pouca confiança em si mesmo		Insegurança		
Pontuação global							
Outros comentários (usar verso da folha, se necessário):							

Exposição oral (conteúdo)

Título:		Data:			
Aluno:		N.º		Ano: Turma:	
Conteúdo	Parâmetros	Muito	Razoavelmente	Pouco	Nada
	Respondeu ao título.				
	Foi objectivo.				
	Fundamentou as ideias expostas.				
	Seleccionou informação pertinente.				
	Ordenou adequadamente as ideias.				
	Esclareceu dúvidas no final da exposição.				
	Introduziu dados novos.				
	Deu exemplos claros.				
	Apresentou ideias/opiniões pessoais.				
	Indicou/forneceu bibliografia sobre o tema.				
	Apresentou perspectivas diferentes sobre o mesmo assunto.				
Usou meios audiovisuais diversificados.					
OBSERVAÇÕES			APRECIÇÃO GLOBAL		

Observação da exposição oral

Título:		Data:			
Aluno:		N.º		Ano: Turma:	
	Parâmetros	Muito	Razoavelmente	Pouco	Nada
Tempo	– foi ultrapassado				
	– foi cumprido				
	– houve espaço para debate				
Extensão	– demasiado longa				
	– curta				
	– adequada				
Interesse do público	– atento				
	– distraído				
	– barulhento				
	– motivado				
Participação na discussão	– activa				
	– passiva				
	– empolgada				
	– desinteressada				
	– agressiva				
	– construtiva				
	– destrutiva				
OBSERVAÇÕES			APRECIÇÃO GLOBAL		

Debate (grupos)

Tema:		Data:			
Ano: Turma:	Membros do grupo				
	Nome:				N.º:
	Nome:				N.º:
	Nome:				N.º:
	Nome:				N.º:
Aspectos gerais		Muito	Razoavelmente	Pouco	Nada
Foi escolhido um tema que interessa o público.					
Foram apresentados claramente os objetivos.					
Investigou-se e reflectiu-se sobre o tema.					
Utilizou-se uma linguagem acessível para todos.					
Manteve-se um tom correcto e adequado.					
Usou-se um discurso:					
– coerente;					
– apropriado;					
– correcto;					
– versátil;					
– conciso;					
– irónico.					
Iniciou-se no horário previsto.					
Terminou no horário previsto.					
Aprofundou-se o tema trabalhado.					
Cada participante respeitou as intervenções dos outros.					
Registaram-se atitudes:					
– tolerantes;					
– cordiais;					
– respeitosas;					
– compreensivas.					
OBSERVAÇÕES			APRECIÇÃO GLOBAL		

Debate (moderador)

Tema:		Data:			
Ano:	O moderador			N.º:	
Turma:	Nome:				
Parâmetros	Muito	Razoavelmente	Pouco	Nada	
Organizou bem as intervenções.					
Distribuiu adequadamente as intervenções.					
Clarificou termos e/ou conceitos, quando necessário.					
Encaminhou o debate quando este se desviou do seu assunto.					
Evitou repetições de ideias já expostas.					
Acrescentou informações concretas.					
Procurou que todos participassem.					
Tentou manter o interesse dos intervenientes.					
Promoveu um clima de respeito.					
Atenuou as tensões.					
Expôs moderadamente o seu ponto de vista.					
Foi gerindo o tempo do debate.					
Sintetizou, no final, as conclusões, recordando:					
– os pontos de acordo;					
– os pontos de discórdia;					
– as alternativas propostas.					
OBSERVAÇÕES	APRECIÇÃO GLOBAL				

Trabalho de projecto: grelhas de avaliação/observação

Ficha de auto-avaliação

TÓPICOS PARA ANÁLISE	SIM	NÃO
Alterei ou introduzi algumas formas de estudo que me ajudaram a melhorar o meu desempenho:		
– Descobri que podia melhorar o meu estudo utilizando outros recursos (biblioteca, sala de estudo, centro de recursos...).		
– Trabalhei em pequenos grupos com o apoio de um(a) professor(a), o que me ajudou a ultrapassar dúvidas, a adquirir e a aplicar conhecimentos.		
– Tomei consciência da necessidade de alterar e/ou complementar a minha forma de estudar.		
Preocupe-me em ter uma atitude mais aberta e compreensiva em relação aos outros, relativamente a:		
– Saber ouvir.		
– Ser tolerante.		
– Participar no trabalho de uma forma organizada.		
– Aperceber-me que a minha atitude de respeito e tolerância teve reflexo na minha integração no grupo.		
– Conseguir participar mais activamente no grupo, sem receio de manifestar as minhas opiniões.		

Ficha de auto-avaliação do trabalho de projecto

Tema:		Data:			
Parâmetros	Muito	Razoavelmente	Pouco	Nada	
Participei na escolha do tema.					
Colaborei na elaboração do plano de trabalho.					
Cumpri as tarefas que me foram distribuídas.					
Procurei informação/recolhi materiais.					
Organizei e tratei a informação correctamente.					
Dei as minhas opiniões.					
Fui capaz de transmitir as minhas ideias oralmente.					
Fui capaz de transmitir as minhas ideias por escrito.					
Fui bem orientado(a) no trabalho.					
Contribui para um bom clima de trabalho.					
Fui autónomo(a).					
Respeitei as opiniões e atitudes dos meus colegas.					
Gostei de trabalhar em grupo.					
As aulas de projecto foram úteis.					
OBSERVAÇÕES					
<ul style="list-style-type: none"> • As actividades que mais gostei de realizar foram _____ _____ _____ _____ • As actividades em que senti maiores dificuldades foram _____ _____ _____ _____ 					
Mereço a nota _____ porque _____ _____					

Ficha de avaliação do trabalho de projecto (avaliação global)

Título do projecto:		Grupo:																										
Ano:	Turma:	Data:																										
1. Os objectivos foram atingidos?																												
2. A planificação foi alterada?																												
3. O produto correspondeu ao plano predefinido?																												
4. Quais as maiores dificuldades sentidas neste projecto?																												
5. Avaliação global do projecto																												
			SIM	NÃO																								
A pesquisa foi feita na escola.																												
Os dados recolhidos foram relevantes.																												
Os dados recolhidos foram diversificados.																												
A selecção de dados foi feita correctamente.																												
Os alunos responderam ao problema identificado.																												
Os alunos divulgaram de forma clara a mensagem.																												
Os alunos foram criativos na apresentação do produto final.																												
6. Avaliação dos grupos de trabalho:																												
ALUNOS (N.º)	Responsabilidade				Organização				Empenhamento				Participação				Iniciativa				Criatividade							
	MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I
7. O plano de trabalho foi cumprido?																												
8. Na globalidade, o trabalho desenvolvido pelo grupo foi:																												
5 – Excelente <input type="checkbox"/>				4 – Bom <input type="checkbox"/>				3 – Satisfatório <input type="checkbox"/>				2 – Insuficiente <input type="checkbox"/>																

Ficha de avaliação do trabalho de projecto (avaliação do processo)

Tema do projecto:																									
Ano:						Turma:						Data:													
1. Desenvolvimento do projecto: pesquisa e recolha de dados																									
																		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5	Grupo 6		
A pesquisa está a ser feita na escola.																									
A pesquisa está a ser feita fora da escola.																									
Os dados recolhidos são relevantes e diversificados.																									
A selecção dos dados está a ser feita correctamente.																									
A organização da informação está a ser feita correctamente.																									
2. Fontes utilizadas, até ao momento, no trabalho de pesquisa:																									
Grupo 1 _____																									
Grupo 2 _____																									
Grupo 3 _____																									
Grupo 4 _____																									
Grupo 5 _____																									
Grupo 6 _____																									
3. Avaliação dos grupos de trabalho, até ao momento:																									
GRUPOS		Responsabilidade				Organização				Empenhamento				Participação				Iniciativa				Criatividade			
		MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I	MB	B	S	I
	1																								
	2																								
	3																								
	4																								
	5																								
6																									
4. O plano de trabalho está a ser cumprido?																									
GRUPOS																		SIM			NÃO				
Grupo 1																									
Grupo 2																									
Grupo 3																									
Grupo 4																									
Grupo 5																									
Grupo 6																									
5. Aspectos a alterar:																									

Ficha de observação de atitudes

Aluno:	N.º:		
Ano:	Turma:		
PARÂMETROS	Sempre	Às vezes	Nunca
Manifesta interesse em comunicar:			
– com jovens da sua idade;			
– com jovens de outras culturas;			
– com adultos.			
Valoriza a linguagem como instrumento cultural.			
Interessa-se por desenvolver as suas capacidades comunicativas.			
Esforça-se por ser compreendido.			
Emite opiniões fundamentadas.			
Reconhece a importância do confronto de ideias.			
Manifesta ideias que valorizam a dimensão da cidadania.			
Reconhece a carga ideológica da linguagem.			
Avalia-se objectivamente.			
Avalia objectivamente os seus colegas.			
Colabora em projectos de turma/escola.			
Aceita críticas e sugestões dos seus colegas.			
Valoriza os serviços prestados por instituições de utilidade pública.			
Reconhece a importância das TIC no mundo actual.			
Manifesta comportamentos:			
– solidários;			
– tolerantes;			
– autoritários;			
– demagógicos;			
– inclusivos;			
– racistas;			
– outros.			
OBSERVAÇÕES	APRECIÇÃO GLOBAL		